

FUNDAÇÃO GETÚLIO VARGAS  
INSTITUTO SUPERIOR DE ESTUDOS E PESQUISAS PSICOSSOCIAIS  
CENTRO DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA

FEV  
200  
PRETO

o  
"UMA INTERPRETAÇÃO PSICOGENÉTICA DA MODA"

REGINA ROSARI MUGAYAR GUEDES

FGV/ISOPCPGP  
Praia de Botafogo, 190 - sala 1108  
Rio de Janeiro - Brasil

FUNDAÇÃO GETÚLIO VARGAS  
INSTITUTO SUPERIOR DE ESTUDOS E PESQUISAS PSICOSSOCIAIS  
CENTRO DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA

"UMA INTERPRETAÇÃO PSICOGENÉTICA DA MODA"

*por*

REGINA RÔSARI MUGAYAR GUEDES

Dissertação submetida como requisito parcial para  
obtenção do grau de

MESTRE EM PSICOLOGIA

Rio de Janeiro, Agosto de 1984

Ao grande que foi,  
MEU PAI,

À grande que é,  
MINHA MÃE,

Aos que grandes serão,  
MEUS SOBRINHOS,

## I N D I C E

Agradecimentos	iv
Resumo	v
Summary	vi

	<u>PÁG</u>
INTRODUÇÃO	01
<u>CAPÍTULO I</u>	
<u>O MÉTODO ESTRUTURALISTA</u>	08
1. SOCIEDADE E SIGNIFICAÇÃO	08
2. AS IDEIAS DE LÉVI-STRAUSS E A PROPOSTA DA LINGUAGEM CORPORAL	11
3. O CORPO E A IMAGEM CORPORAL	18
4. SOBRE O CONCEITO DE ESTRUTURA	22
<u>CAPÍTULO II</u>	
A ROUPA E A MODA	28
1. AS FINALIDADES DA ROUPA	31
2. SOBRE O CONCEITO DE MODA	39
<u>CAPÍTULO III</u>	
ANÁLISE DO MODELO LINGUÍSTICO E SUA APLICAÇÃO À IMAGEM CORPORAL	43

	<u>PÁG</u>
1. LÍNGUA E FALA -----	44
2. SIGNIFICADO E SIGNIFICANTE -----	57
3. SINTAGMA E PARADIGMA -----	66
4. METÁFORA E METONÍMIA E CONOTAÇÃO E DENOTAÇÃO -----	72
5. SINCRONIA E DIACRONIA -----	74

#### CAPÍTULO IV

<u>AS CATEGORIAS INVARIANTES PSICOSSOCIAIS DA IMAGEM CORPORAL</u>	80
1. IDENTIDADE E DIFERENCIAÇÃO -----	80
1.1 - Status, Posição Social e Papel -----	89
1.2 - Ocupação, Atividade e Circunstância -----	94
1.3 - Diferenças Sexuais -----	98
1.4 - Faixas Etárias -----	103
1.5 - Características Individuais -----	106
CONCLUSÃO -----	111
BIBLIOGRAFIA -----	115

## A G R A D E C I M E N T O S

- Aos Professores FRANCO LO PRESTI SEMINÁRIO e LUIZ FELIPE BAETA NEVES FLORES, pela orientação.
- Ao GERSON, D. FLORIPES e D. MARIA RÊ, pelos serviços prestados.
- À Professora LÍCIA DE CARVALHO VALE, pela compreensão.
- Aos meus ALUNOS, pelo desafio.
- Às DIFICULDADES, por tê-las ultrapassado.
- Ao MEU AMOR, pelas horas renunciadas.

## R E S U M O

Este trabalho objetiva estudar a imagem corporal estabelecida pela cultura, mais especificamente, pela Moda, através da gênese de suas variantes, visando atingir os eixos invariantes psicoantropológicos que constituem-se nas grandes categorias lógico-generativas, as quais formam a sua estrutura subjacente constante.

Visa-se estabelecer a relação entre o sistema psicológico definido pelo corpo como a entidade que ultrapassa o nível biológico e o sistema de comunicação interpessoal e social. Na interconecção do corpo e da comunicação social, surge a Moda em que a realidade corporal constitui-se em um alicerce para os signos sociais e psicológicos. Para tal, desdobrou-se o sistema de trocas da linguagem, sugerido por Lévi-Strauss, em verbal e não-verbal, considerando a comunicação efetuada pela imagem corporal como modalidade da segunda.

Utilizando o método estruturalista, tentou-se transpor os conceitos da linguística de Ferdinand de Saussure para o campo da imagem corporal, sincronica e diacronicamente configurada. Foi estabelecido, ainda, a respectiva principal categoria invariante, composta por eixo bipolar: a identidade e a diferenciação, semanticamente preenchidos por fatores afetivos e culturais.

## S U M M A R Y

The objective of this work is to study the corporal image instituted by the culture and especificaly by the fashion, in particular, along the genesis of its variants, in order to reach the psyco-anthropologic invariant axes, that constitute the logic-generative large categories, which build its permanent subjacent structure.

It's wanted to settle the relationship between the psychologic system defined by the body as an entity that transcends the biological level and the interpersonal communication system. The fashion emerges in the interconnection between the body and social communication, where the corporal reality constitutes a basis for the social and psychological signs. For that, the system of language changes has been extended in verbal and non-verbal, considering the corporal image as a modality of the latter.

Using the structuralist method, it's tried to transfer the concepts from Saussure's Linguistics to the corporal image, synchoronous and diachronously configured. It has been established, either, the respective principal invariant category, composed by a bipolar axie: the identity and the diferentiation, semanticly supplied with afetive and cultural factors.



## I N T R O D U Ç Ã O

"A sociedade da metade do século XX, com os problemas que se colocam diante nós, como a atitude diante da vida, a atitude diante da morte, os contraceptivos etc., são para mim fontes históricas. Não posso fazer abstrações das observações que faço quando saio na rua. A vida de todos os dias é apaixonante e quanto mais ela for cotidiana mais ela é apaixonante. Talvez seja essa, para mim, a maneira de entrar na História. Não digo que seja o fundamental. O fundamental é mais, como já disse, o desejo de encontrar um mistério central, mas nunca estamos diante do mistério central, estamos no meio da rua. Então eu caminho por um mundo que é um mundo de curiosidade, excitando constantemente minha curiosidade, algumas vezes maravilhando-me: por que tal ou qual coisa? E é isso que me faz pular para o passado: eu penso que nunca segui um comportamento histórico que não tivesse como ponto-de-partida uma questão colocada pelo presente".

Philippe Ariès

(trecho de uma entrevista concedida a "Nouvel Observateur", publicado no Brasil em "Ensaaios de Opinião", nº 2-5).

O emergente e crescente interesse dirigido ao tema dos artifícios edificadores de imagem corporal provocou, em certo momento, questionamentos acerca do dogmatismo referente às atitudes do indivíduo em relação ao seu próprio corpo e ao dos demais. O "vestir-se", "maquilar-se", "pentear-se", "cuidar da forma física", constituiriam-se em meros hábitos, condicionamentos, costumes estanques e hereditários, sem qualquer ligação com os outros setores da vida, outros saberes, outras possibilidades?

Ao observar as pessoas - vestidas, calçadas, penteadas, curtidas ... - assim como os desfiles de Moda, deparamo-nos

com insights perante os quais, inicialmente, hesitamos, supondo que não passariam de um saber acerca de um material elitizado, sem consistência ou suficiente fundamentação para compor uma tese de Curso de Mestrado em Psicologia.

Apesar de tudo, ultrapassamos as resistências; e a intenção de elaborar um trabalho sobre as alterações materiais do corpo persistiu e, aos poucos, foi amadurecendo. Não sabíamos exatamente, porém, que objeto específico investigar; nem como concebê-lo teoricamente e limitar o problema da pesquisa; assim como sentíamos-nos perplexos diante das constatações - agora plausíveis e já admitas como têticas - tão assistemáticas e desprovidas de um sistema explicativo e de uma metodologia cientí-fica: como deveríamos entendê-las e inserí-las dentro de um contexto referencial? Uma destas constatações concerniam-se à nossa impressão de que todo objeto aplicado sobre o corpo, não se restringindo ao sentido utilitário, expressava algum tipo de mensagem, captada, principalmente, nos primeiros impactos diante dos lançamentos de Moda que, muitas vezes, pareciam intentar agredir, exhibir, pejorar, camuflar, agredir ou envolver, de modo manifesto, outras mensagens.

Começamos, então, uma intensa e árdua trajetória através das diversas perspectivas teóricas que fornecessem algum respaldo para este estudo: do Empirismo, Funcionalismo, Psicanálise, Fenomenologia até o Estruturalismo, finalmente adotado como método de compreensão e investigação. O método estruturalista, propondo atingir a gramática que regulava as modulações corpo-rais, corroborara e ultrapassara os sistemas anteriormente consultados que cerceavam o objeto de estudo, em vez de concebê-lo

como parte de um todo organizado e como portador de uma estrutura interna própria, relativamente autônoma, possivelmente regida por leis universais e análogas às da Linguística, cujo modelo foi transposto para a Linguagem Não-Verbal do Corpo.

Esta adesão teórica gerou outras consequências: uma concepção antropológica estrutural do homem e da vida social; um abandono da proposição da Psicologia Clássica do "centrismo subjetivo" em prol do campo da Linguagem; uma distribuição de saberes às entidades competentes, sem quaisquer pretensões reducionistas ou deterministas.

Antes de apresentarmos as principais premissas deste trabalho, parece interessante considerarmos a categoria "Moda", a partir de dados de entrevistas, para podermos atingir uma análise que se constitua na síntese das nossas propostas e da realidade empírica, expressa nos discursos obtidos. Arrolaremos certos extratos de entrevistas, incidindo sobre o conceito de Moda.

*"Moda é algo que vem de dentro. É a exteriorização de uma necessidade momentânea. As pessoas usam a Moda para se mostrar, como uma fantasia, onde tudo é válido. Vale criar, recriar, se expressar através de uma roupa. Seja ela bonita ou não, o importante é você se sentir bem".*

*"Moda é tudo. Cada pessoa faz sua Moda, com liberdade para criar e se sentir bem. Atualmente, mudam as cores e você recria em cima do que já foi Moda e continua voltando. Moda é você encontrar seu interior através do seu jeito de vestir".*

*"Moda é estado de espírito, é criatividade. Sempre criei minhas roupas, vivenciando os mínimos detalhes até vê-la pronta. Moda é pique de vida, por isso não influencia na escolha de outras pessoas. Moda é, antes de tudo, usar a imaginação".*

"Moda é diversificar, é realce, é visual, cartão de visita. Moda é tudo que faz você se sentir bem, se sentir bonito. Você deve se vestir para si próprio, com muita criatividade e ousadia. Tu penso muito antes de fazer uma produção, tenho consciência de tudo que faço e Moda é isso: pensar e criar consciente".

"Moda é um trabalho como outro qualquer, só que exige muita sensibilidade e imaginação, assim como na produção de uma vitrina. Acima de tudo, Moda é a constante renovação do espírito, é um olhar no espelho e sentir bem se vendo bonito".

"Moda é flexibilidade. É se vestir para se sentir bem. Não há necessidade de se seguir um modismo que, na maioria das vezes, despersonaliza as pessoas. Moda é um despertar e se sentir dentro de um estilo, clássico ou esporte. Moda é se vestir e se destacar".

"Moda é sistema de dupla face: oprime-nos - ditando cores, estilos ... modelos - e liberta-nos - dando mudanças, últimas bossas e o ser finalmente renascido. Como é bom - principalmente em dias de depressão - colocar uma roupa linda, moderna e nova! A Moda é subversão do passado pelo prazer do futuro: viveremos, como manequins, o não-vivido. Moda: conserto do ódio, no conserto do amor".

"A Moda é uma arte onde me identifico, pois, nós usamos a mesma linguagem. A cada trabalho, um novo desafio que é captar através da objetiva todo o clima da Moda e do modelo, para que ele seja sentido por quem está vendo a foto".

E a partir da análise destas falas, tentamos identificar os principais pontos levantados e defendidos por nossa fundamentação teórica, propondo que:

- Os artifícios corporais ditados pela Moda visam comunicar, estabelecer uma linguagem comum ao grupo, expressar conteúdos que possibilitem a interação social e uma troca de informações pelo canal visual, de signos. Estes conteúdos além de comunicar a posição social do indivíduo, suas circunstâncias interacionais com o meio; exteriorizam o seu estado afetivo, sentimentos mais profundos e podem parecer cum-

prir determinadas necessidades psicológicas, já que, através de roupas, penteados etc. ele tenta alterar um estado interno, uma emoção.

- A Moda é a presença de cultura no corpo do indivíduo, considerando-no como uma plataforma para as idealizações e incutição dos valores sociais. Estes registros culturais são internalizados a tal ponto que a pessoa passa a concebê-los, senti-los e a agir conforme suas próprias necessidades, que seriam, portanto, desejos, aos quais a sociedade impõe objetos específicos, meios determinados e objetivos a serem cumpridos.
- Há uma impressão, no nível do vivido, de que é o próprio indivíduo quem cria a sua imagem, como se o homem fosse autor e centralizador do sistema da Moda, tendo sido enfatizado a ação dos processos de "criatividade", "imaginação", "externalização de necessidades", "despertar de idéias", "liberdade", etc. Há, por outro lado, a admissão de que a Moda é uma constante mudança, retorno do (ou ao) passado, reformulação, recriação, com relativa autonomia de escolha e decisão, ou seja, um rearranjo nas disposições das peças (formas, cores, dimensões, texturas, etc.) já existentes, oferecidas pela cultura e organizadas segundo o processamento da atividade inconsciente do espírito.
- A aparência pode atender a necessidades da fantasia, esperando de sua configuração, efeitos mágicos sobre o estado emocional e sobre a transformação da personalidade, de fora para dentro; é instrumentalizada para exibir-se, mostrar—

se, destacar-se sobressair-se, atrair, conquistar.

- A Moda, rigidamente obedecida - chamada de modismo - pode despersonalizar o indivíduo, desprovê-lo de suas características, detalhes e expressões peculiares, ficando anulado qualquer divergência entre a Fala particular e a Língua geral.
- Existe um processo dialético na trama da Moda que, por um lado, impõe modelos às pessoas que acatam-nos, e, por outro lado, a ocorrência de mudanças e alternâncias que sugerem a impressão de espontaneidade, mas cujos efeitos de renovação é que permitem a persistência e a perduração de um sistema perene e contínuo.

E, ainda, a partir destas premissas, nos foi despertado a preocupações com as questões:

Até que ponto é suficiente ou eficaz adotar-se apenas um sistema interpretativo que justifique os fatos observados, limitando-se ao saber de uma única ciência?

Quando estes fatos se referem ao corpo e à imagem corporal, a que saberes deve-se recorrer, e por que?

A diretriz deste trabalho norteia-se e fixa-se mais em questionar do que responder a estas interrogações. No entanto, aspira ultrapassar o campo dos conhecimentos da ciência psicológica, recorrendo, sobretudo, à Antropologia, à Linguística, à Epistemologia e às Ciências Sociais.

Este "Ecletismo" provavelmente venha a ser a propos

ta mais axial deste trabalho - no qual o método estruturalista se inscreve - e o ponto referencial de partida para a investigação de outros temas nas Ciências Humanas.

Esta dissertação pretende, afinal, formalizar - não obstante as alternâncias no tempo e no espaço - a lógica generativa das categorias invariantes da imagem corporal materialmente constituída e constituinte de uma modalidade de Linguagem não verbalizada, como introdução ao uso da Análise Estruturalista do objeto pesquisado. É implícita nesta proposta a aceitação de um mecanismo psicológico subjacente a essa lógica generativa, por estar vinculada a dimensões e estruturas do psiquismo humano e ao próprio "eidos" da vertente psicossocial do corpo como instrumento de contato e comunicação interpessoal.

## CAPÍTULO I

### O MÉTODO ESTRUTURALISTA

#### 1. SOCIEDADE E SIGNIFICAÇÃO:

Deste os primórdios da História da Civilização, o indivíduo sempre buscou conhecer, explorar, sistematizar, alterar e controlar a Natureza. Para tal, ele emprega as diversas teorias e práticas dirigidas tanto para o seu meio-ambiente circundante, como para o seu próprio corpo. Tais movimentos assimilativos e acomodativos provem de uma das essências apriorísticas da natureza do espírito que é a dificuldade em lidar com o caos e com o aleatório, havendo uma perplexidade diante da impossibilidade de ordenar e direcionar os fatos.

A Ciência não suporta a desordem, seu objetivo é organizar a caótica composição do Universo. O que se conhece sobre o mundo externo é captado pelos sentidos. Os fenômenos percebidos possuem as características que o indivíduo lhes atribui, devido ao processo pelo qual os sentidos operam e à organização de seu cérebro, na sistematização e decodificação dos estímulos recebidos. Toda percepção é organizada; há uma tendência natural de se fornecer significação aos fatos, pois assim constituídos, é que hão de viabilizar a relação do indivíduo com o Universo, quem lida com aquilo que conhece, e todos os fenômenos conhecidos mantêm relações entre si, embora não estejam ligados sempre da mesma forma.



Cada civilização tende a valorizar a objetivação de seu pensamento; mesmo o selvagem não é só dirigido por suas necessidades e instintos. Verifica-se, portanto, que em todo o Universo, as espécies animais e vegetais são conhecidos não devido ao fato de suas utilidades; são classificados porque eles antes são conhecidos.

A explicação científica implica sempre na descoberta de uma possibilidade de ordenar e dar sentido aos fatos. Um aspecto marcante deste processo de ordenação é a segmentação do continuum de espaço e tempo que cerca o indivíduo, o qual está pré-disposto a figurar o meio como um conjunto de objetos desligados entre si, concernentes a certas categorias; e a meditar sobre a transição temporal como uma série de acontecimentos isolados.

Assim sendo, quando o indivíduo fabrica objetos, artefatos ou cria cerimoniais, ou descreve fatos passados, reproduz a sua própria apreensão da Natureza; os produtos da cultura são fracionados e ordenados.

As intervenções sobre o meio e o corpo humano marcam a passagem do estado natural dos elementos para o estado cultural; caracterizando o ser como "humano", cujos comportamentos, são sempre instituídos pela cultura, apesar de se reconhecer a plataforma biológica com a qual os processos sociais se relacionam dialeticamente. O indivíduo, assim, abandona a sua condição puramente orgânica a mecânica, para se transformar em um ser social e expressivo; cujas atividades, tanto técnicas como as expressivas, e até mesmo as naturais, contem a função da inten-

cionalidade em interagir, comunicar e influenciar os demais.

Em termos gerais, esses conjuntos de condutas, que conquistam um caráter coletivo e habitual, delimitados por limiares cronológicos, geográficos e sócio-econômicos, constituem parte da cultura de um povo e uma determinada época. Cada sociedade possui um repertório particular de cognições e de práxis, que chegam a atingir a ordem de estereótipos culturais, através dos quais, tornados símbolos específicos, é possível identificar a cultura em questão. Pode-se apontar o folclore, que se refere aos costumes e tradições populares que persistem nas camadas inferiores de uma sociedade evoluída como restante de uma cultura abandonada pelas classes ascendentes. Abrange crenças ingênuas ou superstições (mitologia, religião, danças, músicas, jogos, vestimentas) e uma literatura oral de contos, lendas, poesia épica e lírica, teatro, adágios. No folclore, subsistem elementos culturais, decorrentes de substratos, de culturas que tenham influenciado um determinado povo.

Antes de prosseguir-se, convém examinar e diferenciar os conceitos de social e cultural que, em certos momentos, possam parecer idênticos. Para tal, Roberto da Matta (1983) diferencia sociedade e cultura, afastando a mera perspectiva de que constituem parte de uma mesma realidade. A sociedade poderá ser entendida como um conjunto organizado de indivíduos, agindo coletivamente, em grupos delimitados segundo alguns critérios e determinados objetivos; esta constatação, porém, não assevera a subsistência da cultura. A objetivação da cultura pressupõe a existência de uma tradição viva, hereditariamente transmitida, disposta de forma consciente, propiciadora de singularizaza

ção de uma determinada comunidade em relação às outras.

A Etnologia, através da História e do conhecimento das expressões conscientes dos fenômenos sociais, pretende atingir um inventário de possibilidades inconscientes que existem em número limitado, que vai além da imagem consciente. O repertório dessas possibilidades e as relações que mantêm entre si, fornecem uma arquitetura lógica e os desenvolvimentos histórico que são imprevisíveis, mas não são arbitrários. O etnólogo visa atingir, através de um consciente, cada vez mais o Inconsciente, para o qual se dirige; enquanto que a História se volta mais para as atividades concretas e particulares.

De um modo geral, os objetos da cultura são bastante variados. Ao compará-los, o antropólogo se deixa influenciar, em princípio, pela grande gama de diferenças. Porém, há de ocorrer - em alguma parte, por baixo da superfície - um conjunto de características comuns a todos, porque, segundo a posição estruturalista de Lévi-Strauss, as culturas constituem-se nos resultados da atividade dos cérebros humanos.

## 2. AS IDEIAS DE LEVI-STRAUSS E A PROPOSTA DA LINGUAGEM CORPORAL:

A partir das obras de Lévi-Strauss, o aspecto da cultura foi reformulado, obteve uma nova tônica, que recebeu influências teóricas e metodológicas da Linguística de Ferdinand de Saussure. Lévi-Strauss postula que o aspecto principal da sociedade é o de significação produzida pelas relações entre os elementos de sua estrutura. Assim sendo, a

conduta e as relações sociais formam uma linguagem. A vida social é concebida como um sistema de significação, cuja estrutura possui uma ordem lógica e abstrata. A organização os componentes da sociedade formam um repertório de regras determinantes de valores sociais e sentidos que permitem a comunicação entre os indivíduos.

Essa função simbólica se manifesta e se expressa nas estruturas de língua e do sistema social, existindo uma correspondência entre ambos. Através da verificação desta analogia entre os sistemas de parentesco, de cozinha, dos mitos, do comércio, Lévi-Strauss acredita que todos se fundam em apenas uma estrutura elementar onipresente, proveniente de atividade inconsciente do espírito intelectual, o que lhe torna próximo da filosofia de Immanuel Kant. Para atingir esta realidade, é necessário afastar o vivido, distanciando-se sujeito a objeto.

Para Lévi-Strauss (1975) a sociedade é constituída por indivíduos e grupos, que interagem e se comunicam. Esta comucação não pode ser definida de forma absoluta em seus limites, pois mesmo enfraquecendo-se ou deformando-se, ela nunca desaparece.

Em todas as sociedades, a comunicação se processa, no mínimo, através de três níveis: comunicação de mulheres; comucação de bens e serviços; e comunicação de mensagens; que se referem, respectivamente, aos sistemas de parentesco; o econômico; e o linguístico; os quais proporcionam analogias entre si. Os três sistemas encontram-se sujeitos ao mesmo método, distinguindo-se, porém, pelo plano estratégico em que cada um de-

les se localiza no âmago de um universo comum. A cultura não se resume somente pelas formas de comunicação específicas que lhe cabem, mas também pelas leis que podem ser transpostas para todos os níveis de comunicação, desenvolvidas tanto na extensão da Natureza como da cultura.

Apesar da analogia fixada entre aqueles três sistemas, existe uma distinção entre eles, já que não se alocam em uma mesma escala. O casamento, movimento responsável pela troca estabelecida no parentesco, objeto e sujeito de comunicação são de natureza semelhante; no entanto, na Linguística, a pessoa que emite a mensagem não se enleia com as próprias palavras, estando, assim, perante a uma dupla oposição: pessoa e símbolo, valor e signo. As trocas econômicas se situam intermediariamente, pois os bens e serviços não são pessoas, mas ainda são valores. Contudo, quando o sistema econômico alcança um nível mais complexo, é necessário o estabelecimento de símbolos e signos capazes de efetivar estas trocas, como no caso da cédula monetária.

O sistema de parentesco e o casamento se harmonizam a fim de garantir a constância do grupo social, cruzando as relações de consangüineidade e da união. Este mecanismo de ligação entre os indivíduos se processaria perpetuadamente e proporcionaria uma estrutura social imóvel, caso não emergessem influxos externos. Porém, a entrada destes novos elementos podem provocar as transformações diacrônicas da estrutura social, a qual, deste modo, nunca se restringe ao sistema familiar.

As estruturas comportadas pela sociedade proporcionam várias formas de ordens e de ordenar os indivíduos de acordo com

determinadas normas. As estruturas de ordem estão ligadas entre si, podendo-se identificar as mútuas implicações através da perspectiva sincrônica.

A partir dos três sistemas de trocas, fundamentais para a fixação da sociedade, é possível apresentar derivações que deles se originarão e que, conseqüentemente, comportarão as mesmas leis de funcionamento; pois, para Lévi-Strauss, os produtos culturais e o tipo particular de organização social consistem em arranjos de possibilidades, que são arquitetadas por relações lógicas subjacentes e, embora os signos se diferenciem transculturalmente, o conjunto de regras que os gerou, é a mesma.

Pretende-se, através e a partir destes pontos, ater-se no nível de comunicação da sociedade referente e efetuado pela Linguagem, a qual, segundo Lévi-Strauss (1975), constitui-se no fenômeno social que propicia um firme estudo científico, por comportar dois aspectos primordiais para tal. A primeira se refere ao fato de que as condutas linguísticas estão localizadas no plano inconsciente: ao falar não se tem consciência da sintaxe e da morfologia da Língua, assim como dos fonemas usados para distinguir o significado dos vocábulos e das oposições fonológicas propiciadoras da análise dos fonemas em elementos diferenciais. A segunda característica se refere à irrelevante intervenção do observador sobre o objeto observado, pois o fato do pesquisador estar consciente do fenômeno, não é suficiente para alterá-lo.

Cabe, aqui, reportar-se à relação entre linguagem e cultura. A princípio, a linguagem pode ser considerada um efei

to, uma parte, um elemento da cultura, já que a língua adotada por um grupo social revela a sua cultura geral. Por outro lado, a linguagem é encarada como condição da cultura. Primeiramente, porque é através da linguagem que o indivíduo se culturaliza, e que a sociedade educa a criança. E, também, porque sociedade e linguagem contem uma arquitetura semelhante, fundam-se sobre relações lógicas - de oposições e correlações.

A linguagem, todavia, por não se manifestar única e exclusivamente através da língua falada, escrita e ouvida, comportará, também, outras formas alternativas de comunicação que, contudo, são trilhadas por regras coincidentes. Alude-se, assim, ao oportuno reconhecimento de dupla modalidade de expressão da linguagem, que se situa no nível do falado e do não-falado.

Antônio Gomes Penna (1970), adverte que existe um conceito restrito de linguagem, que implicaria somente na linguagem verbal, definida por J. Mattoso Câmara Jr. (1977, p. 159) como a

*"faculdade que tem o homem de exprimir seus estados mentais por meio de um sistema de sons vocais",*

organizados em uma simbolização compreensível, concatenando o meio objetivo e subjetivo. Há um outro conceito de linguagem, mais amplo, que abrange todas as formas de comunicação, onde se inclui os gestos, objetos, a mímica, o próprio silêncio e demais canais transmissores de informações.

Michael Argyle (1970), apresenta certas distinções en

tre as comunicações verbais e não-verbais, sintetizando que a linguagem é vantajosa para debater objetos e pessoas; enquanto que os símbolos não verbais transmitem emoções e caracteres da interação interpessoal. A primeira é mais formalizada, arbitrariamente codificada e formada por níveis especializados do sistema nervoso central. Os segundos são mais espontâneos, icônicos e não-codificados, e controlados por níveis orgânicos mais inferiores, instintivos e independentes.

Baseando-se na tese de Edmundo Leach (1978) de que a cultura sempre comunica - sendo que o próprio intrincado inter-relacionamento dos fenômenos sociais defere mensagens aos seus integrantes - pretende-se, aqui, desdobrar, sistemática e cientificamente o nível da Linguagem - sob a denotação de Lévi-Strauss - em Verbal e Não-verbal; para, em seguida, enunciar sobre a comunicação efetivada pelo corpo dos indivíduos, e, mais minuciosa e restritamente, pela forma utilizada pela sociedade em comunicar através deste corpo alterado em sua configuração material, edificando e conformando a imagem corporal através de artifícios.

O estabelecimento da imagem corporal como comunicadora, transmissora de conteúdos através do corpo como veículo, sustenta-se na tese de José Carlos Rodrigues (1980), que concebe o corpo como "um suporte de signos". Consideração este que é reforçada pela idéia de Nietzsche, que diz ser o corpo humano complexo demais, fonte tão rica de conteúdos e espaço de projeções de tantas artes e ciências, que seria muito simplório reduzir o seu estudo à Anatomia-fisiológica.



O corpo, como alicerce sobre o qual a cultura se fixa para preencher e transmitir significados, constitui-se em um pressuposto derivado do pensamento antropológico contemporâneo, segundo o qual, a essência apriorística da sociedade é de comport-se, fundamentalmente, em um sistema de significação. A cultura move-se como uma grade empregada sobre um campo inicialmente amorfo e impreciso, dividindo-o em partes que comportarão oposições entre si, a fim de que possam conter e transmitir sentidos. A sociedade, consistindo em um sistema estruturado e composto por elementos interligados de acordo com uma lógica, a qual é internalizada pelos indivíduos, e, em seguida, projetada sobre o mundo.

Rodrigues (1980), mostra, ainda, como os princípios estruturais do sistema social se repercutem no corpo, ao qual diferentes significados são atribuídos em cada sociedade. O corpo — uma representação social em suporte inicialmente orgânica — não denota, porém, conota; já que nele, e mesmo nos comportamentos inatos, nada é genuinamente biológico ou instintivo. A conotação do corpo advem das interferências do cultural sobre o natural, pois é o primeiro que sentencia através da globalidade e dos fragmentos sociais, o tipo ideal físico, moral, intelectual e afetivo a ser perseguido pelos indivíduos, nos quais é implementado desde o início da socialização, e cuja função é preenchida e repartida pela religião, o trabalho, a família e as demais instituições que tendem a controlar e condicionar os corpos.

Assim, o corpo, biologicamente visto, é apenas a matéria prima da qual a cultura se utiliza para, em seus membros, im

primir e registrar as suas marcas. Aquele perfil tipológico idealizado pela cultura sobre os caracteres do indivíduo, especialmente, os físicos, é construído para refletir os momentos, ideologias, interesses, processos estruturais e dinâmicos daquela sociedade. Ao projetar o corpo, a sociedade tenta alterá-lo material e artificialmente, para que ele se enquadre naquilo que ela prescreve.

A cultura, ao organizar o aleatório, concede sentido aos fatos e às relações entre eles, assim como aqueles acoplados ao próprio corpo que, participados coletivamente, permitem exprimir juízos e valores concernentes ao indivíduo em questão, que fala, olha, se veste ou cumpre outras atividades sensoriais e motoras.

Cabe concluir que o nível de linguagem não-verbal, cujo esboço de análise se diligencia, reporta-se à comunicação efetuada pelo corpo que, seguramente, comportará leis análogas às outras formas de comunicação, particularmente, o campo da Linguística, a serem demonstradas mais adiante.

### 3. O CORPO E A IMAGEM CORPORAL:

Já que quase todos os comportamentos individuais são modelados, incentivados e preenchidos de conteúdos pela cultura, a percepção e os hábitos relacionados aos cultivos, controle, higiene, modificações, apresentação e outras intervenções sobre o corpo, também o serão. O modelo corporal adotado varia de uma sociedade para outra. Dentro de uma

mesma, pode alternar de acordo com a época, e em função dos contrastes das posições sociais, status, papéis e circunstâncias de seus elementos.

O que mostra ser universal, no entanto, é esta tendência ao não-conformismo e à não-restrição ao corpo natural, tal como é nascido. A cultura apresenta ao indivíduo técnicas de modificações na tentativa de reestruturar o seu corpo, de forma que se torne um membro da mesma. Assim, seus corpos passam a significar, pois no ato de socialização dos indivíduos, a cultura lhes atribui sentidos, delimitando seus espaços vitais e estabelecendo os conjuntos de relações a serem mantidas com a organização social.

É, pois através deste corpo institucionalizado - vestido, curtido, bronzado, depilado, emagrecido ou engordado, "malhado", enfim, alterado - que os indivíduos lidam e interagem uns com os outros; não existindo um acesso direto ao corpo nu, natural, despojado de interferências e conotações externas. Todo contato humano é institucionalmente estipulado, onde participa o indivíduo através de seu corpo culturalizado. Estes fatos incitam a coletividade a conceber todos aqueles artifícios como prolongamentos e próteses do esquema corporal.

Dentre as práticas de culturalização que se dirigem à compleição de imagem corporal, inclui-se o vestuário, que constitui o objeto deste estudo, que poderá também abranger, além das roupas, o penteado, a maquilagem, o calçado, os acessórios, o chapéu, as jóias e, até mesmo, o volume e dimensões corporais, o tom e textura de pele e as demais características físicas. Es

tes envoltórios, de uma forma ou de outra, quase sempre ditados, são geralmente acatados pelos elementos e grupos que, muitas vezes, não os questionam.

Estes modelos emergem no seio da sociedade sob a forma de norma e padrão a serem obedecidos e atingidos. Alguns se propagam facilmente, através dos diversos meios de comunicação, e outros nem tanto; firmando-se ou não; uns por um razoável período de tempo, outros logo desaparecem; podendo, ainda, retornar posteriormente. Assim, este fato de se empregar diferentes envólucros sobre o corpo, parece à grande parte dos indivíduos como fatal, natural, inevitável e justificável através de seus motivos técnico-práticos, estéticos e morais. Na consciência coletiva, portanto, estes hábitos são explicados a partir dos respectivos conteúdos mais manifestos, extraídos das observações quotidianas dos indivíduos que, neles percebem principalmente os seus aspectos funcionais e alguns dos semânticos mais superficiais.

Todavia, o trabalho e a posição do antropólogo - aqui sustentados pela adesão ao respectivo método e pelo reconhecimento dos benefícios e aplicabilidades da ciência antropológica para ampliar verificar a delimitar a ciência psicológica - consistem em uma atitude de extranheza aos fatos; um depoimento de seus valores como referenciais para a compreensão do fenômeno estudado, assim como de seus códigos adquiridos; e, ainda uma atribuição de importância e préstimo a todo e qualquer fato cultural, pressupondo sempre uma fonte de estudo científico, contendo esquema de funcionamento e de relação com os demais fatos culturais.

Ouve-se, por exemplo, que a roupa serve para proteger contra o frio, da sujeira, embeleza o corpo, tapa as genitálias e outras zonas erógenas etc. Estas colocações denotam limitações na concepção do fenômeno, que se compõe por descrições dos aspectos referentes às suas conseqüências; àquilo que o mesmo proporcione concreta, material e funcionalmente. O outro lado do fenômeno, latente, inconsciente, referente aos seus aspectos estruturais, constitui e provem do ponto crucial das pretensões teóricas levantadas por estes escritos, ao longo dos quais explicitar-se-ão.

Antes de introduzir-se o conceito de estrutura, contido no capítulo seguinte, e que liga as constatações anteriores com as propostas ulteriores; comporta expor a abordagem psicológica de Paul Schilder (1958) acerca da imagem corporal.

Para este autor, a edificação do modelo postual do corpo se processa a nível psicológico, por meio da ligação ininterrupta do indivíduo com o meio. A nível libidinal, este modelo é elaborado a partir do interesse e curiosidade pelo próprio corpo, assim como da consideração e tratamento revelados pelos outros, por atos, verbalizações ou atitudes; como, ainda, do trato que as pessoas próximas dispensam aos seus próprios corpos. Assim, a imagem corporal pode ser entendida como estruturada a partir das relações corporais; na qual a criança integra partes dos corpos alheios, tomando, analogicamente, em sua personalidade, a atitude assumida pelos outros em relação às suas zonas corporais. Partes ou a globalidade da imagem corporal dos outros são incorporadas pelo indivíduo, através de um mecanismo de identificação, o qual pode, também, renunciar à

própria imagem, projetando-a nos outros.

Schilder adverte que as imagens corporais do indivíduo se influenciam e se comunicam mutuamente, a partir das partes corporais ou do corpo como uma totalidade. A organização da imagem corporal se funda, portanto, na história vivida pela pessoa e na rede de suas relações interpessoais. Pode-se inferir que a história individual é a história das interrelações do indivíduo com os outros.

#### 4. SOBRE O CONCEITO DE ESTRUTURA:

O Estruturalismo representa uma perspectiva epistemológica que visa rearticular os princípios, a metodologia e a elaboração das Ciências; sendo, porém, intrincado determinar um denominador comum entre as suas diferentes concepções.

O Estruturalismo de Wundt e de Titchener - que buscava os aspectos primários da experiência cuja integração deveria promover a atividade mental, determinada por um jogo de sensações, imagens e sentimentos - embora tenha sido a primeira corrente a receber este nome, em Psicologia, contesta-se a compatibilidade com o atual conceito de estrutura.

O gestaltismo - que concebe uma totalidade estruturante como concessora de sentido aos elementos de um conjunto - apesar de ter contribuído significativamente, formulando uma plataforma teórica e epistemológica centrada no conceito de estrutura, não é considerado como o mais expressivo represen

tante do paradigma do Estruturalismo contemporâneo.

As pedras fundamentais do atual Estruturalismo corres  
pondem à Linguística de Ferdinand de Saussure e a Antropologia  
de Lévi-Strauss, cujos princípios fundamentais são considerados  
como pontos de partida para a organização das teses - conseqüen  
tes ou subseqüentes - do Estruturalismo francês, cuja ortodoxia  
acolhe as posições de Michel Foucault e de J. Lacan como es-  
truturalistas, mas rejeita a de Jean Piaget.

Segundo F. Wahl (1959), a essência de qualquer postu-  
ra estruturalista deve ser buscada no signo, os sistemas antro-  
pológicos poderão penetrar em um sistema de signos, caso trans-  
ponham-se para os fatos da linguagem, em uma rede de comunica-  
ção, contendo as relações Significante/Significado.

Dentro desta problemática, deve-se questionar se a es  
trutura constitui-se no modo pelo qual o cientista levanta os  
dados e os sistematiza em categorias; ou se refere-se à forma  
de ação e de apreensão constante do espírito, cuja atividade  
concede um sentido organizado aos seus produtos.

É imprescindível estabelecer-se em que nível a "estru  
tura" poderá se inserir. Alguns estudiosos buscam a estrutura  
a qual forma e ordena a realidade material do objeto pesquisado;  
apoiando-se no sistema das relações observáveis. A estrutura, as  
sim, faria parte da realidade e o procedimento científico consis  
tiria em descrevê-la, definí-la e expressar suas leis. Esta é a  
posição dos empiristas, que negam a atividade estruturante inter  
na e anterior aos fatos concretos.

A outra vertente, representada pelo Estruturalismo racionalista de Lévi-Strauss e assumida por este trabalho, reporta-se à estrutura de idéias, e não da sociedade ou da simples organização do objeto, dos fatos constatáveis; supondo uma atividade intelectual, cujas propriedades não constituem-se no reflexo da organização concreta e empiricamente apreensível do sistema social, pois, atrás deste, subjaz uma estrutura inconsciente, obtida somente pela construção dedutiva de modelos abstratos. A atividade inconsciente do espírito impõe formas a um conteúdo, as quais são as mesmas para todos os espíritos - no tempo e no espaço - e se reduzem às estruturas mentais. No entanto, Lévi-Strauss às vezes opta por buscar a estrutura na sociedade concreta, na realidade externa, em vez de só captá-la na atividade interna estruturante.

Sendo o termo "estrutura" primordial dentro da perspectiva em que este estudo se norteia - a Antropologia Estrutural - torna-se imprescindível examinar o respectivo conceito, muitas vezes focalizado ao longo deste.

Define-se "estrutura" por um conjunto de elementos com leis próprias, independentes das leis que regem cada um desses elementos constituídos como sistemas. O caráter de sistemas se exprime ao passo que, a cada qualquer modificação de um elemento, corresponde a uma modificação de todos os outros; pois o valor de cada um não se subordina apenas a si mesmo, mas também à posição que ele preenche em relação aos restantes do conjunto; à maneira pela qual os fenômenos se interconectam. Todo modelo pertence a um conjunto de transformações, cada qual corresponde a um modelo de mesma natureza, de forma que o conjunto



destas transformações integra um grupo de modelos. Assim, o modelo deve ser formado de maneira que de seu processamento se extraia a explicação dos fenômenos observados. As propriedades do caráter sistêmico da estrutura e de seu modelo oriundo de um grupo de transformações permitem prever como o sistema poderá reagir, se algum elemento for alterado.

A estrutura possibilita a análise interior de uma totalidade: os elementos, as suas ligações com o arranjo, sistematização destas conexões e apresentação das relações fundamentais e subordinadas. A estrutura, ainda, propicia a comparação entre realidades distintas, pois ela poderá ser comum às tais. Tudo aquilo que existe, comporta uma estrutura. Porém, estando os diferentes fenômenos sociais ligados entre si, não o estão portanto, da mesma forma.

O Estruturalismo surge em contrapartida ao Atomismo, contendo duas proposições: a totalidade e a interdependência; metodologia, concomitantemente, analítica e sintética. Esta metodologia implica no reconhecimento das diferenças constatadas entre os conjuntos organizados, que não se reduzem a meras alteridades, mas à relação comum pela qual elas se firmam; ordenando essas diferenças sobre o polo semântico, então clarificado, de modo que os conjuntos sejam identificados como alternâncias uns dos outros, e o agrupamento desses conjuntos, como o resultado de uma combinatória.

Já que o Estruturalismo prega uma pluralidade de organizações, não se pode referir a uma estrutura própria a cada conjunto, pois cada variante se liga a um mesmo invariante, que é

a lei de variabilidade. O âmago da estrutura consiste na sintaxe das alterações que permitem a passagem de uma variante para outra, com um número finito de possibilidades.

Lévi-Strauss (1975) adverte que o conceito de estrutura social não implica na realidade empírica, porém aos modelos que são formados de acordo com esta estrutura. As relações sociais constituem a substância utilizada para a formação dos modelos que possibilitam a emergência da estrutura social. Embora inacessível à cognição imediata, a estrutura também está presente na realidade, não sendo exclusivamente do espírito humano. Assim, a estrutura encarada como essa sintaxe das transformações, capacita a enumeração de todas as variáveis teoricamente possíveis que a lógica possa inferir.

Estes postulados do Estruturalismo referentes ao conceito de estrutura, ao repudiar qualquer ponto referencial centralizado renunciam a explicações científicas reducionistas. A negação de um ponto central vaibiliza a inserção da linguagem, justificando a transposição do modelo explicativo da Linguística para um campo extra-linguístico.

Ao constatar-se que a conceituação do termo "estrutura" se localiza no campo gramatical e sintático - e não da língua falada - por ela não ser diretamente apreensível da realidade concreta; questiona-se, até que limites, a forma pela qual uma sociedade entende suas diferenças estruturais de ordem e as relações que as conectam, corresponde à realidade. Lévi-Strauss diz que as ordens vividas devem ser consideradas, pois constituem função de uma realidade objetiva, apreensível por via exte

rior, livre da imagem configurada pelos indivíduos. Estas ordens vividas implicam em outras, cujo conhecimento se faz necessário para a compreensão das estruturas precedentes e da forma pela qual a sociedade as integra em uma totalidade organizada. Estas estruturas de ordens "concebidas" - e já não "vividas" - não correspondendo a nenhuma realidade objetiva, deixa inviável o respectivo controle experimental.

## CAPÍTULO II

### A ROUPA E A MODA

Ao conceber-se o corpo como um alicerce de signos, sobre o qual a roupa e adjacências intervem, modelando-o, com a finalidade, antes de qualquer outra, de torná-lo comunicador de conteúdos que, o corpo por si só não seria capaz de efetuar; sugere-se que a indumentária transmitirá, portanto, uma certa sistematização e evidência da propensão em se atribuir sentidos aos fatos.

Antes que a roupa proteja contra o frio, ela comunica a existência do frio sobre o corpo. Antes de cobrir-lhe as partes pudorizadas, denuncia a ocorrência do pudor dirigido a certas instâncias.

Ao uniformizar os corpos, através de hábitos religiosos, fardas militares ou modelos atualizados da Moda, a roupa conota esquemas, necessidades e determinações do sistema social, como, por exemplo, manter os indivíduos em igualdade e/ou distinguí-los dos demais. A roupa pode ser a estratégia pela qual o poder se utiliza para penetrar e comandar os corpos; e a submissão a uma convenção deste tipo, poderá demonstrar o pacto estabelecido entre o poder e o apoderado.

A roupa, como será apresentado nos capítulos posteriores, é capaz de comunicar o papel e a posição de uma pessoa em uma comunidade, em uma certa era, sua situação sócio-econômica, sua profissão, sexo, atividade momentânea, religião, faixa etá-

ria, sua genealogia, nível intelectual, ou até mesmo, atitudes perante as regras de normalização do corpo: a submissão, o fanatismo, a oposição, a indiferença e outras condutas e atitudes.

Roland Barthes (1979), tenta realizar uma análise estrutural do vestuário feminino, tendo observado as descrições feitas pelos jornais de Moda que acompanham sempre as imagens dos modelos, estabelecendo-se, assim, segundo sua classificação, dois tipos de vestuário: um vestuário-imagem, representado pela fotografia ou desenho; e um vestuário escrito, que é o primeiro transformado em linguagem. Apesar de ambos se referirem à mesma realidade, não possuiriam a mesma estrutura, pois são constituídos por objetos diferentes, e, conseqüentemente, as relações entre estes não são as mesmas. No primeiro, os objetos são contornos, texturas, cores, dimensões. A relação é espacial, e a estrutura é plástica. No segundo, os objetos são as palavras; a relação é sintática, às vezes, lógica; e a estrutura é verbal.

Haveria, ainda, uma terceira estrutura, distinta das outras duas, mas o que ambas representariam e que lhes serviria de modelo: o vestuário real. As unidades do vestuário real não estão no nível da língua nem das formas, pois se limitam aos vários traços dos atos de fabricação, seus objetivos executados e materializados. Deste, apenas se apreende uma parcela, um uso individual e condicional, uma apresentação singular. A estrutura do vestuário real é tecnológica, forma-se no nível da matéria e das suas transformações; e não das suas representações ou das suas significações.

Para Rolando Barthes, o vestuário real atende às três

finalidades práticas apontadas por Flügel (1966), adorno, pudor e proteção. Estas finalidades, porém, se esvaem no vestuário "representado" (escrito ou imagem), que não mais atendem aos objetivos de adornar, cobrir ou proteger, buscando, todavia, significar o adorno, o pudor e a proteção.

As proposições deste trabalho vão, em grande parte, esbarrar com as colocações de Barthes, que se referem à ênfase atribuída ao aspecto comunicativo e comunicador que envolve os hábitos de transformar e envolver materialmente o corpo.

Embora Barthes tenha se atido mais à Linguística e, metodologicamente, à análise da fala que acompanha as fotografias e desenhos de jornais e revistas de Moda; levanta uma questão que parece fundamental: o ato de significar, a atribuição e a transmissão de sentidos. Esta atividade, que está presente também no vestuário, transforma-o em uma modalidade de expressão e comunicação, cujas funções transcendem e antecedem as necessidades práticas e funcionais pertinentes ao objeto real em si, que é sempre captado através de sua representação.

A percepção de um objeto não se limita às unidades concretas que o compõem, e que, posteriormente, adicionam-se para totalizá-lo. Consiste, porém, na apreensão de um complexo, que comporta as relações entre estas partes, em cujo momento, a consciência se dirige ao objeto intencional - e não o objeto físico, material - fornecendo-lhe significações. Já que o indivíduo lida com estes objetos intencionalmente significados e organizados, e não com meras fontes que lhe provoquem estimulações sensoriais, é com e a partir deles que se constitui, se apare—

lha e se sistematiza a realidade do indivíduo.

A análise de uma vestimenta não consistiria, portanto, no exame de sua concretude material das respectivas partes, isoladamente. Mas na tentativa de captar as regras que a compõem e os sentidos a ela fornecidas socialmente. Estas regras - conforme o que prossegue - são análogas às da linguagem.

## 1. AS FINALIDADES DA ROUPA:

Flügel (1966), aponta as três principais finalidades fundamentais, às quais as roupas atendem, que parecem receber relativa concordância entre os principais estudiosos, que são: o enfeite, o pudor e a proteção. Contudo, há contravérsias tocantes à primazia de cada uma delas, que serão discutidas em seguida.

A primeira finalidade apresentada por Flügel - o enfeite - considera aprioristicamente os aspectos psicogênicos do narcisismo e da vaidade, e os aspectos sociogênicos da competição, da exibição, do poder, de status, e também da estimulação e incitação sexual.

Observa-se, nesta perspectiva, uma acentuada importância atribuída ao egocentrismo e à auto-satisfação. Estas motivações, necessidades e sentimentos, apesar de inegavelmente constituintes da natureza psicológica da pessoa e decorrente da própria organização social, não comportam um sólido e exaustivo suporte teórico que proporcione uma explicação cien

tífica, cujos objetivos visem transcender os paradigmas compreensivistas do pensamento humanista - que supõem um homem centralizador, autor — e os reducionismos cometidos pelos modelos psicanalíticos ou pelas teorias sociológicas. Estas teorias concebem um centro dentro do sistema considerado, omitindo e/ou negando o papel e a importância da relação estabelecida entre os vários componentes de uma globalidade.

Apesar de reais as vivências autocêntricas e subjetivas do indivíduo, elas não esgotariam as justificativas para a estruturalidade de seu universo, o qual, aliás, já pré-existe e se impõe com as suas estruturas linguísticas e culturais antes mesmo do infante nele penetrar. Não caberia, portanto, atribuir ao mundo concreto e à sua sistematização, explicações que os concebiam como resultantes de projeções, extensões ou realizações de propriedades e desejos eminentemente "humanos". Nestas perspectivas, presumiria-se a ocorrência de um sistema ou vários, girando em torno de um hipotético ponto convergente, fundador e instaurador do meio circundante como extensão de si próprio e, conseqüentemente, com mecanismos análogos ou isomórficos.

Por outro lado, também não caberia explicar a conduta pela simples transposição das leis de um modelo mecanicista e fisicalista proveniente das Ciências Naturais e Exatas, tal como se esforçam as teses positivistas do Behaviorismo clássico. Estas consideram o indivíduo como um organismo capaz de conectar estímulos externos a respostas correspondentes, estabelecendo condicionamentos que compõem a grande e variada gama de suas condutas. Sem, todavia, postular algum tipo de ligação en



tre os estímulos ou entre as respostas, que simplesmente se processam por associações e adições, independentemente.

A primazia atribuída à segunda finalidade - o pudor - torna-se razoavelmente fragilizada a partir do momento em que se verifica, através de estudos etnográficos, que não se trata de uma instância universal, nem metafísica, nem constituinte a-priorístico da Natureza do espírito.

O pudor é um fenômeno instituído pela civilização dirigido ao corpo dos indivíduos, proibindo-lhes a exposição pública de determinadas zonas corporais, a pronúncia de alguns vocábulos considerados profanos, a execução de certos gestos etc. Estes conjuntos de vedações formam certos tabus, que objetivam segregar tudo aquilo que é sagrado, inquietante, proibido, ou impuro; evitando o contato direto entre duas ordens distintas e contrárias de atribuição de sentido às coisas: o sagrado e o profano.

Esta dualidade, ao lado de muitas outras, estão presentes em todo o sistema social, dicotomizando os objetos, os fatos, as instituições etc. aos quais preenche com um sentido, uma categoria de ser no mundo. Em relação ao corpo, se processa o mesmo. Às diferentes partes do corpo, são imputados os valores de sagrado ou profano. Essas escolhas variam de cultura para outra, e dependem, ainda, do estágio evolutivo, daquela sociedade, da posição social do membro pudorizado, da ocasião e condições em que se encontre e demais variáveis.

Tomemos como exemplo o pudor dirigido aos seios femininos. Durante séculos, os seios tem sido objeto de vergonha e

e resguardo no Ocidente; sua gradativa exibição, que foi atingindo os maiores e mais variados veículos de comunicação de massa, foi aos poucos desmistificando-os, até atingir um relativo grau de liberação que tornou possível o aparecimento do top-less, embora ainda encarado como "escandaloso" pela burguesia conservadora e moralista. Contudo, paralelamente a este rigoroso pudor tradicional, existem certas culturas, como os ameríndios, que não escondem os seios. No século passado, era permitido às senhoras casadas exibir os "regos" através de decotes pronunciados, enquanto que às virgens senhoritas era expressamente vedado qualquer tipo de intenção ou insinuação neste sentido, sendo obrigadas, inclusive, a vestirem-se em tons suaves e claros, ingênuos. As freiras costumavam até há pouco tempo - algumas ordens religiosas ainda o fazem - usar sob os hábitos religiosos, enchimentos intencionando que as formas de seus corpos femininos não se tornassem evidentes nem subentendidos, assim como peças externas que lhes comprimissem os seios. A exibição dos mesmos, ainda que parcialmente, dentro de nossa cultura, é índice de erotismo e incitação sexual, da qual se vale a Moda para tornar as mulheres mais "sexies", e também as prostitutas, para evidenciar suas intenções. Uma mulher extremamente pudica, no entanto, é capaz de amamentar seu filho em público, caso ele chore de fome.

O sentimento de pudor poderá desaparecer em casos de psicopatologias, em que haja rupturas no contato entre o indivíduo e o mundo externo; indiferenciação nos limites do eu e não-eu, da fantasia e a realidade, resultando em uma negação de quaisquer tipos de regras sociais controladoras ou inibidoras

dos impulsos do corpo. O senso de pudor parece também não possuir uma realidade interna na criança antes que a educação a incite a associar o seu corpo a coisas cujas, feias, impuras, passíveis de vergonha e de ameaça. A criança é capaz, até então, de praticar atos masturbatórios em público; sem o mínimo embaraço. A sociedade, porém, através da política familiar, cria sistema de controle, vigilância e objetivação da sexualidade através de uma perseguição aos corpos, como uma tomada reacionária pelo próprio pânico diante da atividade masturbatória.

A roupa parece evidenciar, concomitantemente, dois movimentos opostos: mostrar, abrir, exhibir o corpo; e, por outro lado, fechar, esconder, tapar o corpo. Vestir o corpo significa cobri-lo para exhibi-lo, de acordo com certos critérios do sistema social, dentro do qual o corpo adquire um sentido. Mesmo a encoberta dos órgãos genitais e zonas erógenas, faz pressupor a existência dos mesmos, por detrás das roupas, porém, às vezes, destacados.

Essas duas tendências parecem estar ligadas a outros contrastes, a modalidades de estar no mundo, a instâncias psicossociais: a natureza e a cultura; o sagrado e o profano; o pudor e o exibicionismo e outras dicotomias.

O caráter condicional da cultura é de opor-se à natureza e contrastar com as outras culturas alternativas; assim como não há sociedade que não cozinhe os seus alimentos, não há sociedade que não dite como os seus membros devam apresentar seus corpos, quanto às partes a serem tapadas e a serem exibidas, e em que circunstâncias. Sobretudo, o que é sagrado e o

que é profano.

A roupa será, então, um artifício que objetiva separar certos conteúdos considerados incompatíveis pela cultura. Para se entrar na igreja, deve-se vestir-se de maneira a esconder partes do corpo concebidas como profanas. Às vezes, estas separações são realizadas através de rituais, de forma simbólica, como o caso de seitas do Extremo Oriente, em que seus membros devem deixar seus calçados na porta, fora do templo, na intenção de isolar o mundo externo maculado do sacrário.

No entanto, o que é profano em um dado momento, pode deixar de sê-lo em um outro, caso se alterem as circunstâncias. Roberto da Matta (1977), analisando o Carnaval como um rito de passagem, escreve que nele se processa uma inversão de comportamentos com a liberação e revelação do corpo, que, no cotidiano, é resguardado, limitado e vigiado. Esta inversão se revela em outros níveis da vida, como também nas relações entre os sexos; às mulheres é concedido uma liberdade, que lhe é negada no cotidiano e caracterizada por um cada vez crescente exibicionismo, e uma permissividade às explorações e tateações masculinas sobre os seus corpos. As máscaras, usadas durante o Carnaval, expressam uma condição dos indivíduos efetuarem seus desejos, pois atrás delas ocultam suas verdadeiras posições no sistema social, enfatizadas no cotidiano, porém atenuadas e disssimuladas no Carnaval, já que seriam incompatíveis com as condutas levianas da folia, evitando o confronto entre o sagrado e o profano. Além desta dicotomia, Carnaval e quotiano estão isolados por outros pares de oposições: fantasias e realidade; prazer e sofrimento; folia e solenidade; anarquia e hierarquia; impulso

e razão; liberdade e repressão; externalização e internalização.

Pode-se destacar o par pudor e exibicionismo como categorias antitéticas presentes no corpo, concretizadas pelas roupas.

O pudor - anteriormente discutido - culturalmente determinado e orientado, voltado para alternadas partes do corpo, parece ser pregnante na configuração dos trajes de uma cultura numa era, pois indica que pontos devem ser tapados e quais podem permanecer descobertos. O pudor possui um sentido que se entrelaça com a sexualidade, as partes pudorizadas recebem conotação profana e necessitam ser isoladas do mundo sagrado; porém, o fato de esconder-se essas partes, incita, por outro lado, a uma práxis exibicionista, já que o velamento subentende o velado, e exibindo sem expor. O encobrimento total ou parcial das zonas erógenas poderá causar, até mesmo, maior excitação sexual do que a mera exibição. Em revistas pornográficas, certas peças do vestuário geralmente participam do cenário e, segundo muitos entrevistados, provocam maior curiosidade, imaginação e embelezamento do corpo.

Na Moda para a mulher grávida, o profano é atenuado, a través do uso de cores em tons suaves, rendinhas, babadinhos, de cotes fechados, dimensões amplas e outros detalhes juvenis e in gênuos, como tentativa de sacralizar a mulher, que engravidara profanamente, deixando-a menos sensual e mais discreta, decrescendo a capacidade de atrair o sexo oposto, reduzindo-a à figura de futura-mãe.

O exibicionismo, fundado no amor-próprio e na auto-admiração e também na estimulação provinda da sociedade de consumo, incentivadora da competição e da ostentação; leva os indivíduos a desejarem se embelezar, destacar-se no meio e superar os demais.

A terceira finalidade - a proteção - está muito ligada aos aspectos funcionais da roupa, atendendo diretamente às carências sofridas pelo corpo perante o frio climático (ou até o calor); assim como tentativa de isolá-lo contra os elementos nocivos do meio-ambiente, e de conservar-lhe a higiene, a saúde, a temperatura, a integridade epidérmica etc.

Segundo Fliegel (1966), a primazia concedida à finalidade protetora das roupas recebe relutantes protestos de teóricos, argumentando que a roupa, sendo uma entidade tão importante, não teria tido uma origem tão utilitária. E esta abordagem, no entanto, não explicaria o emprego de roupas em regiões ou em situações em que elas se tornariam dispensáveis. Além do fato de ter-se constatado, antropológicamente, que é possível viver praticamente sem roupas, mesmo em partes mais inclementes do planeta. Isto previne contra o exagerado valor atribuído ao motivo de proteção - comparando com os de enfeite e pudor - que, porém, por parecer mais "racional", mas adaptado à realidade que os outros dois motivos - e o indivíduo mostra-se muito propenso à racionalização de sua existência - muitas vezes, no consenso geral, tem seu respaldo bem defendido. Talvez a característica de proteção implique em uma exigência biológica que, em si, transcenda a própria moda, servindo-lhe de suporte, tal como a existência do corpo. As pessoas precisam se proteger - haja ou não o da Moda - e este fato constitui-se em uma função sobre a qual se instaura a estrutura da Moda. O biológico é inexpressivo; o corpo consiste na presença do instrumento, sobre o qual dita-se os sentidos.

## 2. SOBRE O CONCEITO DE MODA:

Já foi abordado a emergência dos hábitos de se vestir e de se alterar o esquema e imagem corporais sob a forma de normas a serem observadas e cumpridas pelos elementos de uma sociedade. Na sociedade contemporânea, estes modelos são apreendidos como as ordens estabelecidas por aquele fato que denomina-se de Moda, no caso, a corporal. Na atualidade, esta comporta algumas peculiaridades que refletem certos aspectos do próprio funcionamento da organização social.

A Moda, este fenômeno coletivo, tão intrigante e misterioso em seus carismas, se manifesta e se concretiza de forma imperante na roupa, na arte, na literatura, na fala, na decoração, na arquitetura e a outros aspectos culturais, constituindo-se em pontos centrais de referências aos quais os indivíduos se reportam a fim de atingirem certos padrões almejados e desejáveis de comportamentos, e nos quais se apoiam para avaliar as condutas alheias.

O termo "Moda" possui conotações correlatas, que serão aqui comentadas, atravessando as abordagens de alguns autores, que contrastam entre si quanto às respectivas perspectivas. Este termo, de um modo geral, é aplicado aos modelos de conduta que variam continuamente, de caráter efêmero, que buscam a aprovação e a adoção coletiva de maneira intensa, durante um determinado período de tempo. Aqui se pretende enfocar o fato de que o esquema corporal tende a obedecer a normas; havendo uma subjugação do corpo às intervenções da cultura.

O Dicionário Escolar da Língua Portuguesa editado pelo Ministério de Educação e Cultura do Brasil em 1965, define o termo Moda como:

"maneira, costume, uso geral; uso que depende de capricho; (...) No sentido sociológico, fenômeno social ou cultural que consiste na mudança periódica de estilo, de caráter mais ou menos coercitivo, cuja vitalidade se explica pela necessidade de conquistar ou manter determinada posição social. No sentido estatístico, valor do argumento pelo qual a força de frequência passa para um máximo, ou aproximadamente, valor do argumento central de classe de frequência máxima; o mesmo, neste sentido, que cuspidal".

"Moda ou norma, é o valor que se repete o maior número de vezes". (Azevedo; Campus, 1970, p. 74).

"...Moda é o valor mais comum. Ela pode não existir e mesmo que exista, pode não ser única (Spiegel, 1976, p. 74).

"Moda é o valor prevalente de uma distribuição. Representa o valor que é mais frequente ou típico, o valor que realmente está na moda" (Nick; Kellner, 1971, p. 57).

De acordo com a Enciclopédia Britânica BARSÁ, editada em 1967, Moda é

"um costume passageiro que estabelece, conforme o gosto do momento, hábitos de vida comuns, a maneira das pessoas de um grupo humano, como a maneira de vestir-se, uso de determinados ornamentos; que são generalizados com a facilidade do mundo moderno".

Pichón-Riviére (1970), distingue, oportunamente, a moda do costume. O costume consistiria em uma regra institucional



lizada, válida para toda a sociedade, cujo desacatamento é desaprovado, porém a sujeição, que é obrigatória, não reverencia ninguém. A Moda já possuiria um mandato relativo, cuja adesão traz benefícios e valorização à pessoa.

Assim, a Moda, em seu caráter fluido e mutável, sus—tenta a sobrevivência do costume, que é estático. Existe, por exemplo, o hábito de se uniformizar os colegiais, porém estes trajes passaram por modificações através do tempo, em uma tentativa mínima de acompanhar os padrões da Moda de cada época. E no momento em que os uniformes eram alterados por estes crité—rios, o hábito de vestí—los ficava mantido, pois a estática preservação levaria a descontentamentos da coletividade, a qual tem acesso às novidades emergentes. E, por conseguinte, os levaria a uma atitude revolucionária que poderia colocar em jogo o pró—prio uso dos uniformes; e o abandono destes poderia simbolizar libertações em outros níveis, objetos de temor do sistema, capazes de ameaçá-lo, questioná-lo e tentar reformulá-lo.

Assim como os demais regulamentos; códigos; ritos; costumes; modos; sinais variados, globais ou específicos, es—táveis ou precários, influentes em todos os domínios da conduta humana - que regularizam os aspectos externos observáveis, e que são internalizados, e constituintes dos aspectos psicodinâmicos do indivíduo - também funcionam, analogamente, os hábitos de vestir-se.

Ou seja, este fato cultural passa a compor uma reali—dade psicológica nos indivíduos, nos quais fundam-se determina—das motivações, já que, para a maior parte deles, a adoção de

uma norma comum - como o vestuário - não encerra um caráter deliberado e calculado, efetuando-se, no entanto, de forma inconsciente.

OuvIU-se, em alguns depoimentos, o mal-estar psicológico resultante da impossibilidade de certas pessoas em sentirem-se bem vestidas ou de acordo com a Moda vigente. Também o prazer em receberem elogios por estarem elegantes, bonitas, atualizadas. Além do fato de buscarem na roupa, uma forma substituta e compensatória de um mal-estar emocional qualquer, arrumando-se e embelezando-se externamente, já que não o consegue interiormente.

### CAPÍTULO III

#### ANÁLISE DO MODELO LINGÜÍSTICO E SUA APLICAÇÃO À IMAGEM CORPORAL

Conforme já foi dito, todas as condutas sociais possuem um caráter informativo. Existem, além da fala, outras modalidades de comunicação, como a arte, a literatura, a religião, o comércio; e algumas delas habitam sobre o próprio corpo dos indivíduos. Supõe-se que estas diferentes formas de expressão tenham, em algum nível, mecanismos semelhantes, como uma espécie de código comum que, uma vez cognito, permita reconhecer as inferidas derivações de uma linguagem para outra.

A partir da proposta da imagem corporal constituir uma linguagem não-verbal, pretende-se identificar, nesta entidade, determinados princípios linguísticos propostos por Ferdinand de Saussure.

Primeiramente, faz-se necessário analisar, sumariamente, alguns dos conceitos fundamentais da Linguística Estrutural, que se referem ao de estrutura (já apresentado) e aos das dualidades da Linguagem. Segundo Saussure, estas dualidades existem porque, sendo a Linguagem concebida como um objeto duplo; com caráter obrigatoriamente dialógico e comunicador; como um sistema articulado, no qual a diferença existe enquanto componente da sua origem; torna-se impossível e sua redução a um princípio de unidade.

As dualidades, aqui apresentadas, consistem em: Significante/Significado; Língua/Fala; Sintagma/Paradigma; Sinta-

xe/Semântica; Sincronia/Diacronia; Conotação/Denotação; Metáfora/Metonímia.

São, ainda, levantados os eixos psico-antropológicos, aos quais a imagem corporal, através de seu revestimento material, se propõe a realizar. Estes eixos se referem a: Identidade/Diferenciação, categorizados segundo alguns critérios.

## 1. LÍNGUA E FALA:

Inicialmente, é importante distinguir os conceitos de Língua e Linguagem. A Língua é uma parte, essencial da Linguagem; concomitantemente, um objeto social da possibilidade da Linguagem e um sistema de convenções e regras, determinadas pelo grupo social, que estipulam a utilização dos sons, das formas e meios de expressão, permitindo, assim, a comunicação entre os indivíduos.

A Linguagem se apresenta sob várias formas e não se submete aos princípios da Analogia Gramatical; transcende o campo social e individual, pertencendo ao campo físico e psíquico; não é categorizada em nenhum fato humano, pois a sua unidade elementar não é deduzida.

Por outro lado, a Língua se constitui num todo organizado, passível de classificação, consiste em algo adquirido e convencional, que se subordina à faculdade da Linguagem. No estudo da Linguagem cabe separar a parte eminentemente psicológica, cujo objeto é a Língua, que é essencialmente so-

cial e autônoma ao indivíduo; e a outra parte, que é individual - a Fala - onde a própria fonação é psicofísica.

Segundo Prado Coelho (1968, p. XV),

*"a Língua é o lado social que vive no plano do contrato coletivo e preexistente a todo ato efetivo da comunicação, ela não existe em si, é apenas uma abstração que condiciona toda a fala humana, mas só existe nas suas manifestações concretas, em cada ato linguístico efetivo. A Língua está sempre presente na Fala, mas como presença ausente, como efeito de uma ausência, sendo, no entanto, essa ausência que inteiramente determina a presença da Fala. A Fala é a atualização de Língua; é a utilização prática, concreta e individual dessa Língua".*

Para Saussure (1977), a Fala faz a língua evoluir: a fala consiste nos efeitos recebidos que alteram os hábitos linguísticos. Língua e Fala, apesar de distintas, vivem em interdependência, pois a Língua é, concomitantemente, o instrumento e o resultado da Fala. A Fala, na coletividade, é o somatório dos enunciados dos indivíduos, e é composta pelas associações individuais voluntárias e pelos atos de fonação indispensáveis para as realizações das mesmas.

O conceito de Linguagem - esta faculdade do indivíduo expressar as suas condições psíquicas através de um sistema organizado em uma representação compreensiva, que firma a ligação entre a realidade interna e externa - no caso da imagem corporal, pode, por analogia, ser evidenciado pelo fato, já exposto anteriormente, de o corpo ser capaz de exprimir conteúdos psicossociais, transformando-se em uma base que a sociedade utiliza para incutir e representar todos os seus valores e ideologias. Os conceitos de Língua e Fala também podem ser identificados no

pretendido objeto de estudo.

A existência de uma Linguagem não-verbalizada, corporal, firma-se no reconhecimento da possibilidade do corpo servir como veículo de comunicação; na tese fenomenológica de que o corpo possui, até em suas funções biológicas naturais - como a sexualidade - uma intencionalidade e um poder de significação. No entanto, a compleição corporal nem sempre é suficientemente eficaz para expressar suas mensagens, caso conte apenas com os processos anatômico-fisiológicos, sem artifícios externos. Assim, recorre-se a estes, para concretizar a comunicação intencionalizada pelo meio psicossocial, através do corpo. Essa linguagem corporal é completada e complementada pela adoção das roupas, pinturas, penteados e demais artifícios corporais.

O conjunto global e totalizante das possibilidades de se alterar a conformidade da imagem corporal através destes artifícios, será aqui considerada como a "Linguagem", em quaisquer sujeições a regras ou convenções sociais. Este conjunto "Universo" será concebido como a união de todas as possíveis e imaginárias alterações que as culturas, ao longo do tempo e do espaço, ditam aos corpos de seus membros. Isto é, desde a tanga, o penacho, as pinturas faciais dos indígenas; às longas saias da Idade Média; até a minissaia, o biquini e o jeans da contemporaneidade.

No entanto, cada sociedade, em cada época, estabelece um determinado repertório de artefatos e indumentárias a serem adotados. A estes conjuntos de normas e prescrições, que variam de um grupo social para outro, e, muitas vezes, sujeitos a

vicissitudes; identificar-se-ã como a "Língua" da imagem corporal - constituída pelas vestimentas - que será sempre uma compilação extraída do repertório de peças pertinentes e oferecidas pela entidade, aqui especialmente denominada de Linguagem.

A Moda, definida como delimitação das peças de vestuário a serem usadas por um povo, em uma época; pode ser reconhehcida como a "Língua". Estas escolhas se efetuam através de uma combinatória e permutação de objetos, formas, detalhes, cores, volumes, dimensões, padronagens e outras categorias de objetos. Por exemplo, no verão de 1980, usou-se cores vivas (verde-bandeira, rosa-choque, amarelo-ouro, azul-turqueza, etc.) em saias abaixo dos joelhos. Já, no verão de 1981, foram saias bem mais curtas, acima dos joelhos, em tonalidades mais leves (azul-celeste, rosa-bebê, verde-água e tons pastéis). E no verão de 1983, as saias foram curtas e em tons fortes, em cores contrastadas. E por aí se segue estas permutas de cores, comprimentos etc, que se aliam para configurar uma Moda atual e recente.

Atravês de depoimentos de mulheres cariocas das diversas classes sociais, acerca do conceito de Moda, foi observado, que, geralmente, associam-lhe o fator "atualização", como se a Moda se constituísse no hábito de vestir o corpo de forma "atualizada"; e, ainda, com função "atualizadora". Esta função atualizante pode ser compreendida nos seguintes termos: ã medida em que os indivíduos se vestem com estes objetos, ditos atualizados, os significados destes objetos a eles se estendem - são percebidos e sentem-se como "atualizados".

O fenômeno de atualização como valor social, decorrenç

te do progressivo avanço científico e tecnológico, acaba por fundar nos indivíduos, em seu interior, a necessidade de se sentirem atualizados, presentes, participantes. Esta necessidade se concretiza em várias instituições e saberes, e, no homem, manifesta-se em diversos níveis de seu comportamento; tanto material como ideológica e espiritualmente. E, em seus corpos, esta sede é, em parte, saciada através das renovações dos modelos sugeridos pela Moda. "Estar na Moda" significaria estar modernizado, ciente dos acontecimentos.

O processo de atualização, renovação, parece, muitas vezes, também constituir uma condição necessária para a manutenção das instituições. A "mudança" e a "renovação" asseveram a pertinente, estável e perene preservação da instituição; que necessita atualizar-se para prosseguir existindo. Esta renovação se manifesta através de mudanças superficiais que atendam, concomitantemente, às solicitações das facções sociais: trata-se de mudanças que ilusoriamente satisfaçam àqueles que as clamam; porém superficiais - um mero rearranjo na disposição das antigas peças e conceitos pré-existentes - a fim de preservar a estrutura da organização institucional e assegurar o poder àqueles que, supostamente, perderiam-no, caso houvesse uma reformulação verdadeiramente radical.

Observa-se, porém, que o verdadeiramente novo, redentor ou fundador, na Moda, também, nunca emerge. Tal como as instituições, é algo antigo, pertencente ao passado, apresentado como novo, que desponta; isto porque as possibilidades de vicissitudes são em número limitado, oriundas de um Conjunto-Universo, pré-estabelecido, do qual todas as novidades da Moda são ex



traídas. Todas e quaisquer criações consistem em transformações e derivações variadas daquele conjunto, ou, então, um retorno a algo que já tenha sido lançado como novo, outrora.

Rouanet (1981), analisando as imagens dialéticas no sonho, segundo Walter Benjamin - seguidor do roteiro psicanalítico de Sigmund Freud, e reconhecendo que o sonho é a ponte entre o passado e o futuro, pois as imagens oníricas dialéticas são construídas por elementos arcaicos mesclados com os atuais, voltados para a satisfação de um desejo que, seguramente, se expressaria mais tarde, diz que estas imagens representam o novo no sempre-igual; o passado, não sendo inerte, volta reestruturado e reorganizado pela atividade do cotidiano.

Assim sendo, o novo se constitui em ilusão, da qual o Capitalismo se utiliza para incentivar a demanda. Para tal, a mercadoria, que é introduzida como novidade, é atribuído um novo sentido, que até então, não era sabido pelo público que, admirado, provavelmente, interessar-se-á em adquirí-la. Percebe-se que aquilo que se consome não é o material em si, porém o seu valor, o seu sentido.

Rouanet mostra, ainda, como a Moda elucida a relação dialética dada no sempre-igual através do novo e no novo com o sempre-igual, enfatizando o seu papel expoente na incrementação das vendas, ao servir-se do pseudo-novo. Quando a Moda se inspira no passado, poderá extrair dele algo de novo, o que é sempre constituído pela sua ligação com o antigo. Ele diz que a Moda se dirige ao passado e nesta dialética, realiza a sua revolução; ela promove o artigo-fetiche, o requinte do sempre-igual;

através da produção perpétua do novo e uma procura constante desse novo em algum lugar do passado, em que ele esteja.

Estas constatações levam Rouanet a identificar o paradigma da anti-história benjaminiana, no qual a dialética do novo e do sempre-igual encontra o seu verdadeiro fundamento.

*"Na perspectiva da história como continuum, episódios se sucedem em uma sequência linear, no marco de um tempo homogêneo, em que os acontecimentos, e em que o verdadeiramente novo está excluído, porque todos eles exprimem sempre o mesmo conteúdo, que é a vitória dos dominadores. É a história do sempre-igual. Somente a história dialética pode se apropriar do novo, pois somente ela pode se apoderar dos momentos significativos do passado, salvando, com isso, o novo aprisionado nesse passado, e fazendo-o viver, como agora, no presente revolucionário" (p. 119).*

A História revela o novo contido no passado tal como a Moda menciona as antigas indumentárias.

Estes fatos podem ser captados até nas reações dos indivíduos diante do lançamento de Moda e cada temporada: são quase sempre de surpresa, admiração ou de compulsão a copiá-la, adquirir aquilo que apreendem como novo. Por encontrarem-se privados da memória, eles não compreendem a manipulação que lhes é exercida, através da sugestão de objetos que outrora já lhes pertenceram, e cuja capa de novo funciona como mera multiplicadora de vendas.

A Língua, portanto, é que estabelece o que é novo, o que é atual, o que há para se adotar, a fim de que as pessoas posam comunicar, se expressar e interagir com os demais.

A Fala, sendo a atualização e o uso individual da Lín

gua, pode ser identificada, por analogia, no campo da imagem corporal, como referente aos modos e hábitos que cada indivíduo, especificamente, adota para se apresentar fisicamente. Refere-se à recombinação, à adaptação e à seleção das peças que cada pessoa cumpre para dispor em seu corpo, conotando mensagens mais particulares.

Em entrevistas realizadas, muitas mulheres consultadas para este estudo, declararam "fazer a própria Moda", isto é, procuram adaptar aos seus tipos, os lançamentos modernos; de acordo com a idade, tom de pele e cabelos, formato e dimensões do corpo, estado afetivo, intenções individuais, alcances aquisitivos etc. E, ainda, apontam como "ridículas" aquelas que seguem "religiosamente" a Moda sem auto-crítica, ou sem refletir a harmonia. No entanto, pode-se dizer que estas possuem igualmente as suas próprias Falas, mesmo que menos discriminadas e não tão individualizadas como as primeiras.

Há de se considerar, porém, o funcionamento do sistema em que vivem os indivíduos. A abertura democrática e a liberdade de expressão lhes possibilitará uma maior deliberação para as escolhas; enquanto que, em sistemas mais totalitários e em instituições mais repressoras, a Fala individual quase que coincidirá com a Língua convencional. E quaisquer desvios a estas convenções eliciam pressões em direção ao ajustamento e à manutenção do padrão pré-estabelecido.

Hochmann (1971) tenta mostrar como a expressão de um desejo individual questiona e põe em jogo a homeostasia de um sistema. Quando tal evento arrisca emergir, provoca atitudes

reacionárias da instituição em foco, através da utilização de forças que intentam anular quaisquer pretendidas alterações sociais e mantê-la em um estado estacionário, a fim de preservar as relações de poder.

A proibição da diversidade torna necessário um controle social e uma transmissão de normas, valores e idéias, explícita ou implicitamente, de modo a assegurar a desejada uniformidade coletiva em vários aspectos.

O paciente psiquiátrico, por exemplo, é despojado de todas as suas peculiaridades quando vestem-no de cinza, no momento de sua internação. Esta cor conota monotonia e falta de atrativos. Além de fornecer-lhe uma identidade institucional, a roupa parece evidenciar uma das estratégias de limitação do corpo, dentro do qual introduz-se o poder. Aquela roupa simboliza a relação estabelecida entre a subjugação do paciente e o poder da instituição, ao mesmo tempo em que lhe confere uma identificação com os demais hospitalizados. Neste caso, usar uniforme, implica em co-participar uma identidade institucional homogênea a todos, que acaba por sobrepujar qualquer identidade pessoal anterior à hospitalização. A partir de então, as relações do indivíduo consigo mesmo, com o seu próprio corpo, com o mundo e com os outros, são estruturadas por via de sua identidade institucional, já que a pessoal fora forçado a abandonar. Não se trata mais, por exemplo, do João da Silva, 40 anos, pedreiro que prefere o azul; mas do paciente número 9, internado há dois anos, psicótico, obrigado a vestir-se com um uniforme cinza, através do qual é identificado, se identifica e se relaciona com o mundo.

As constatações de Hochmann (1971) se esbarram com as de Benjamin, apresentadas por Rouanet (1981). quando aponta o sempre-igual como a lei do sistema, privando o indivíduo de sua experiência pessoal, negando o seu histórico passado, o seu desejo, estanqueando a sua práxis e sentenciando-o a perenemente reiniciá-la sem referência às vivências anteriores; já que se trata de um homem amnésico, cujas atividades nunca são concluídas.

René Major (1979), aponta o Estado "como transformador da economia dos desejos em economia das necessidades", tentando equivaler o desejo de cada um às necessidades que lhes são impostas de fora. Isto leva os indivíduos a desejarem o mesmo objeto, a terem o mesmo discurso, o mesmo pensamento, sem revelar as diferenças individuais tocantes aos seus desejos, resultando em um sistema totalitário em diversos níveis e graus.

Pode-se dizer que o corpo dos indivíduos constituiriam-se em fortes demonstrativos destas desigualdades. A linguagem expressa pelo corpo possuiria demarcados conteúdos individuais, distintos. E como a sociedade rejeita e nega estas diferenças, lança mão de artifícios que as elimine ou, ao menos, consiga minimizá-las.

A roupagem é uma das formas artificiais de se atingir o objetivo de homologia. O fato de existir um ou mais modos de se apresentar o corpo, implica na ocorrência de medidas subjacentes, das quais a roupa ditatorial poderá simbolizar. A roupa, pois será uma forma de controle social; via pela qual o poder penetra, se presencia e se instaura nos corpos.

Para Michel Foucault (1979), no entanto, o Estado não constitui o foco absoluto, o ponto de partida do poder; não considerando o poder como uma dominação global e centralizada que se pluraliza, se difunde e repercute nos outros setores da vida social, de modo homogêneo, mas como tendo uma existência própria e formas específicas ao nível elementar. Fora do Estado, muitas relações de poder se instituem. O poder não é um objeto ou uma propriedade, que se tem ou não; é algo que se exerce, se efetua, que funciona diluído por toda a estrutura social, não somente situado em um lugar exclusivo. Nada está isento de poder, o qual intervém materialmente, atingindo a realidade mais concreta dos indivíduos: o seu corpo, e que se situa ao nível do próprio corpo social, penetrando na vida quotidiana e, para isso, podendo ser caracterizado como micro-poder ou sub-poder.

Foucault diz que a coordenação dos agentes da política do corpo constitui-se em um mosaico muito complicado, em um conjunto extremamente complexo, sobre o qual somos obrigados a perguntar sobre a sutileza em sua distribuição, em seus mecanismos, seus controles recíprocos, seus ajustamentos, seus agentes de ligação que, num período de tempo histórico assumem certas funções e que, nos subsequentes, são substituídos por instituições, saberes etc. Esta constatação reforça o abandono de uma explicação científica reducionista para o campo estudado.

Ao tentar concatenar os postulados apresentados até então, recorda-se a autora deste trabalho de seu ingresso a um colégio de freiras, em 1968, quando cursaria o antigo ginásio. Esta era o seu grande sonho: tornar-se uma daquelas colegiais

que portavam os belos uniformes, que antes eram apenas admiradas. A saia era de Tergal azul-marinho, pregueada, com dois suspensórios, ligados por duas faixas dianteiras sobre o busto, e terminados atrás em forma de "V". A blusa era de fustão branco, com colarinho fechado sob o pescoço e preso com um broche que continha o emblema do colégio. Os sapatos eram mocassins pretos, e as meias, brancas. Os agasalhos só poderiam ser azul-marinho com os botões da mesma cor. No cabelo, apenas fitas pretas, brancas ou azul-marinho. Somente era permitido o porte das pastas timbradas com o emblema do colégio.

Esta era, portanto, a Língua que todas colegiais exerciam, já que nenhuma das Falas - individuais - poderia dela desviar-se, mediante severas ameaças. Logicamente, este uniforme propiciava algumas poucas modulações que somente as cabeças adolescentes, rebeldes e criativas poderiam conceber. No entanto, o comprimento das saias era mensurado com régua; os suspensórios não podiam ficar arreados; a tonalidade de todas as peças não podia variar; não era permitido abrir o colarinho; nem dobrar as meias; nem usar enfeites na cabeça; nem pentear soltos os cabelos; nem aplicar sequer qualquer maquilagem sobre o rosto ou pintura sobre as unhas; assim como outras restrições que inviabilizavam qualquer tentativa de expressão mais pessoal, mais discriminada, conotadora de outra identidade que ultrapassasse a de "colegial".

A vigilância realizada pelas freiras, inspetoras e mestres tinha como cúmplice a pressão exercida pelas próprias colegas, aquelas que não ousavam qualquer transgressão, compactuando com um sistema ditador, moderador de criatividade e de ex-

pressões particulares. As medidas interventoras sobre os corpos das colegiais desencadeavam, por outro lado, outras categorias faccionárias. Eram fundados "grupinhos", fracionados de acordo com os poderes aquisitivos; e, para elas se diferenciarem, frizavam, constantemente, os seus prestígios e posses, a fim de evidenciar uma identidade que os corpos uniformizados não conseguiriam asseverar; ficando, deste modo, a cargo da Linguagem verbal, algumas atribuições que a Linguagem não-verbal, naquele contexto, não efetivaria eficazmente, através da linguagem corporal.

Roland Barthes (1979, p. 17), ao realizar uma analogia entre Língua/Fala e Vestuário/Modo de Trajar, conclui:

*"A Língua é uma instituição, um corpo abstrato de coerções; a Fala é a parte momentânea dessa instituição, que o indivíduo destaca e atualiza para as necessidades de comunicação. A Língua saiu da massa das Falas emitidas e, entretanto, toda Fala é tomada à Língua. Essa dialética é, na História, a da estrutura do acontecimento e, na teoria da comunicação, a do código e da mensagem. A descrição é, de uma maneira necessária e suficiente, fundada sobre a manifestação das coerções institucionais que fazem com que este vestuário, representado aqui, esteja na Moda. Ela não se preocupa em grau algum com a maneira pela qual o vestuário é usado por um indivíduo particular, mesmo que ele próprio seja institucional, como a moça da capa. Aí está uma diferença importante a poder-se-ia convir em, sempre que for necessário, chamar Vestuário à forma estrutural, institucional do costume (o que corresponde à Língua), e Traje, a esta mesma forma, atualizada, usada (o que corresponde à Fala)".*



## 2. SIGNIFICADO E SIGNIFICANTE:

A adoção da nudez em lugares públicos, apesar de inadmissível na sociedade contemporânea, é uma medida que poderia ser concebível, caso fossem excluídos os padrões morais, estéticos e pragmáticos, já que se trata do modelo corporal vigente em alguns grupos sociais. As pessoas se vestem, destarte, para demonstrar que são seres civilizados, e não selvagens, pois o vestuário possui um caráter expressivo que supera o seu caráter técnico. O corpo vestido conota a passagem de seu estado natural para o estado cultural. E como todas as condutas estão impregnadas de cultura, o acesso à Natureza torna-se cada vez mais árdua, e, o corpo natural acaba por ser confundido com o biológico, erroneamente.

O corpo será, então, a plataforma - inicialmente orgânica — que desde os primeiros condicionamentos ocorridos durante a sucção, se transforma no alvo de Significações firmadas pela cultura. O corpo comporta, assim, os Signos socialmente inscritos que contem a dualidade: Significante / Significado.

O signo linguístico consiste no resultado da associação entre significado e significante. Ele não liga, no entanto, um vocábulo a um objeto, mas sim uma imagem acústica e um conceito (uma representação mental). A imagem acústica - o significante - consiste não no som físico, mas na realidade psicológica, resultante da produção dos sons e dos

movimentos necessários para a manifestação da mesma. No significante, inclui-se, também, a imagem visual e motriz (a representação gráfica e os movimentos que a geram). O significado é a parte material do signo, em contraposição ao significado, que é o conceito, mais abstrato, uma representação psíquica que é capaz de oferecer diferentes aspectos.

O significante, que está no nível da expressão, e o significado, que está no do conteúdo, aliam-se estreitamente: um evoca o outro, como duas faces indispensáveis de uma mesma moeda, a qual seria reconhecida como o signo linguístico.

Para Saussure (1977), o elo que une significante ao significado é arbitrário; e o produto desta ligação - o signo - igualmente arbitrário, convencional, imotivado. Já que esta ligação não é natural na realidade, o conceito de uma palavra não se associa a nenhuma relação interior de sons que a componham e que constituam o seu significante; pois a palavra poderia ser representada por outro conjunto de sons (ou letras), incluindo-se o fato de que as expressões verbais se diversificam no tempo e no espaço.

O princípio da arbitrariedade é contestado por Émile Benveniste (1976), o qual encontra contradição entre o modo pelo qual Saussure entende o signo linguístico e a natureza fundamental atribuída. Benveniste aponta que se a relação entre o signo linguístico (imagem verbal e conceito) e a realidade é arbitrária, a relação entre a imagem verbal e o conceito é necessária. Com isso, contraria-se a proposta de que o pensamento se realiza independentemente das categorias da Linguagem, e que só

se utiliza delas para se objetivar e comunicar.

Saussure (1977) aponta o caráter linear do significante como um importante princípio do signo linguístico. O significante de origem auditiva desencadeia-se no tempo através de uma dimensão que é medível apenas em uma dimensão linear. Os significantes visuais, porém, são sujeitos a gerar complicações comitantes em diversos níveis. É o caso dos sinais que Edmund Leach (1978, p. 31) caracteriza como

*"... parte de uma sequência de causa e efeito,*

*cuja relação entre seus componentes é*

*"mecânica e automática (...) A mensagem e a entidade que porta a mensagem são simplesmente dois aspectos da mesma coisa".*

E há sempre

*"... um espaço de tempo entre um sinal e sua consequência".*

No caso da Linguagem corporal, far-se-á uma tentativa de identificar as noções anteriormente explicitadas em correlação com os envoltórios do corpo.

Primeiramente, correlacionar-se-á o conceito de signo linguístico com um dado tipo de indumentária ou outro artifício aplicado sobre o corpo. Por exemplo, um tipo de sapato esportivo, como poderia ser um tênis, aqui visto como um signo. Esta instância, certamente, compreenderá as outras duas noções subjacentes já comentadas: o significante e o significado. O signi

ficante se refere à parte material, sensorial, vista, manipulada, odorizada, ouvida, usada. O significado é considerado como o conjunto de todas e quaisquer idéias e valores associados a este significante concreto. O significado concernerá aos fatos de que este tênis é usado por esportistas; proporciona conforto aos pés; é adequado para colegiais, aquece no clima frio; e, estando eles em voga, podem indicar que seu usuário é atualizado, conhecedor das novidades e outras conotações, o que lhe confere em certo status em sociedades consumistas.

A Moda será, então, esta instituição, detentora de poder, que funda, dita e respalda as associações entre os significantes - o aspecto físico e material das roupas - e os significados - o seu caráter valorativo, atributivo - constituindo os signos a serem adquiridos pela população. Ou seja, ao vestir uma roupa, o indivíduo não só consome o aspecto material, significante, mas também aquilo que ela lhe proporciona, os valores que ela transmite, o significado, aliados no signo total.

Estas correspondências entre significantes (produtos) e significados (realizações de idealizações e desejos pessoais) são internalizados de forma inconsciente e vão se constituir em necessidades internas, após se estabelecerem como valores sociais. E estas necessidades, por serem vivenciadas como condições indispensáveis de vida e de bem-estar, levam os indivíduos a compulsivamente buscar atendê-las, consumindo os objetos a elas associadas, que se tornam símbolos socialmente reconhecidos como indicadores de satisfação supostamente obtida.

Leach (1978) aponta o vestuário como um dos exemplos de

códigos binários, pois ele presume que todos os níveis não verbais da cultura organizam-se em complexos padronizados com o objetivo de assumir e transmitir mensagens por códigos; enfatizando que existe uma grande analogia entre as regras sociais sobre os hábitos de vestir o corpo e as leis gramaticais reguladoras do discurso. Já que um signo só recebe sentido quando é contrastado com um outro, como componente de um grupo isento de significação, caso esteja segregado; logo, as peças do vestuário nada significam isoladas de um contexto. As roupas arrumadas em um armário são como formas soltas de um tipógrafo. Porém, estas, dispostas sobre o corpo, adquirem, necessariamente, um sentido, são adotadas pelo indivíduo por causa da mensagem que transmitem, do valor que conotam, da posição na organização social que lhe é conferida.

Barthes (1979) analisa os tipos de relações que unem os significados aos significantes, enumerando-os: a finalidade ("Esse chapéu protege do sol"); a causalidade ("Esse jeans é prático porque combina com qualquer camisa e pode ser usado em qualquer ocasião"); a transitividade ("O estampado faz o verão deste ano"); e a circunstância ("É à noite que se usa decotes pronunciados"). Ele mostra que o significante - a roupa - e o significado - convenções provindas do meio externo, determinadas pela cultura - podem se ligar em qualquer tipo de relação. Esta relação é constante, alternando, porém, os conteúdos, pela interferência da Moda. Esta constância é que vai determinar a estrutura dos signos vestimentários; os espaços que significante e significado aí ocupam são formas vazias, que ambos preencherão, a fim de manter a estabilidade do sistema da Moda.

Este pressuposto pode ser melhor compreendido com um exemplo. Existe, no mundo material, uma infinidade de objetos, formas e cores, que a sociedade conhece e produz. Por outro lado, uma série de conceitos, idéias e valores que, de alguma maneira qualquer, devem ser transmitidos dentro de sistema social através dos corpos dos elementos. A forma pela qual ambos se unem, determina esta relação que definirá o signo global. Existem pedras preciosas, como a esmeralda, o ônix, a turquesa etc. E, por outro lado, as mensagens que a cultura deseja transmitir para identificar e distinguir os diferentes profissionais graduados. A relação que os unirá, constitui em ligar uma carreira a uma pedra de determinada cor. Assim, os médicos usam anel de esmeralda; os professores, de ônix; os engenheiros, de turquesa etc. Houve uma combinação de significados e significantes para constituir signos que, por serem duráveis no tempo e de alcance amplo, podem ser considerados como símbolos.

Câmara Júnior (1977, p. 219), define o termo "símbolo" como:

*"aquilo que se substitui convencionalmente a qualquer coisa para funcionar em seu lugar (no sentido lato). No sentido estrito, o símbolo é aquilo que tem, para o nosso espírito, semelhança com a coisa substituída cuja função substituidora decorre dessa motivação".*

Leach (1978) conceitua "símbolo" como um termo significando um outro por associação arbitrária, distinguindo o símbolo padronizado (associação arbitrária mas convencional) do símbolo temporário (associação bastante arbitrária e dependente do desejo do emissor) e do símbolo convencional mas totalmente arbitrário.

Apesar deste estudo basear-se mais no sistema de Moda contemporânea na sociedade em que vive o pesquisador, é oportuno estender esta constatação a outras culturas nas quais o "arrumar o corpo" não consista em maximização de vendas, o que reforça o caráter efêmero, rotativo e descartável da Moda. Ou melhor, o indivíduo, independentemente do sistema econômico em que reside, incorpora em sua imagem, os valores sociais que os objetos lhe conferem, assim como outros significados construídos na dialética psicossocial.

Através de algumas ilustrações históricas sobre as modificações da imagem corporal em diferentes regiões e épocas, pode-se verificar como estes atos sempre foram acompanhados de significações oriundas da organização social.

As vestimentas primitivas tiveram origem nos adornos iniciais, que constavam na modelagem do corpo quanto a padrões estéticos regionais (compressão da cintura, deformações cranianas, constrição dos pés etc.); na utilização de substâncias alheias ao corpo (pinturas, tatuagens e outras práticas) e a fixação de objetos em certas zonas corporais. Era atribuído a determinados objetos, valores supersticiosos com os quais se adornavam para obter certos poderes.

Na antiga Mesopotâmia, os homens prendiam os cabelos atrás da cabeça em um coque, enquanto que as mulheres usavam penteados mais elaborados. Os reis e deuses punham grandes chapéus, com chifres. Os trajes, de um modo geral, eram excessivamente ornamentados. A corte adotava um traje semelhante aos guerreiros assírios; e o povo, um capuz frígio e um véu sobre

o rosto. Até há algum tempo atrás, os reis sassânides usavam vestes que consistiam em uma evolução dos antigos trajes persas, com altas tiaras, cinturões, colares de contas.

No antigo Egito, durante muitos anos, os homens usavam um simples saiote branco, sendo que o dos reis era mais colorido. Geralmente, os camponeses trabalhavam nus ou protegiam-se com uma sunga. Depois, os homens passaram a vestir, sobre o saiote, um vestido longo de linho pregueado, sob um manto. São as classes mais favorecidas calçavam os pés com sandálias ou sapatos. A influência política de Roma os fez usar vestidos com um dos ombros descoberto. A coroa faraônica não se alterou através dos tempos. Os vestidos mais primitivos das mulheres eram justos e afunilados; e usavam perucas. Depois, as mulheres da corte passaram a ostentar suas cabeças raspadas. As rainhas vestiam roupas multicoloridas, enquanto que as outras mulheres, enfeitavam-se com colares, alfinetes de orelhas, sandálias e, no domínio romano, grandes grinaldas; as rainhas, porém, não adornavam a cabeça.

Gregos e romanos possuíam um traje primitivo em comum: era simples e volumoso manto, ou uma espécie de túnica, ou uma camisa longa, sem mangas. Posteriormente, as conquistas externas deram margem a variações e preferências individuais. As túnicas dos Senadores tinham uma listra dupla purpurina; a listra dos cavaleiros era estreita e descia de cada ombro; a das crianças, pequenos escudos redondos. O manto, vestido sobre a túnica, modificou-se no tempo e no espaço. O manto dos gregos consistia em um palo largo e oblongo, que envolvia todo o corpo. Os romanos também o usavam, além da toga; mais tarde, uma



simples faixa ornamental sobre o ombro. Não havia muita diferença entre os trajes masculinos e femininos; no entanto, os homens não se calçavam, enquanto que as mulheres usavam sandálias, leques e parassóis, além de broches, fivelas, cintos etc.

Na China, todas as classes sociais usavam os chamados pijamas que se dividiam em três espécies: os de linho, os acolchoados, e os mais simples. O "po kua" era a roupa de rigor dos homens; e o lung po", a dos imperadores durante as cerimônias. As vestes variavam, também, em função das quatro estações do ano. Os mais abastados vestiam-se com casacões de seda ou peles. Nas vestes eram bordados dragões, luas, estrelas, montanhas, águas, flores etc. E cada um possuía um simbolismo peculiar, geralmente referente a conceitos filosóficos ou insígnias religiosas. Os bordados dos mandarins eram de ouro, que também usavam uma pena de pavão no chapéu, caso o imperador consentisse. O vermelho era o símbolo da felicidade e a cor que vestia as noivas.

No antigo Japão, o traje de cerimônia do rei e nobres era de seda chinesa; e a posição social do imperador era indicada pelo chapéu distintivo, imitado pelos chineses. Para os civis, religiosos e policiais havia diferença de cor, padrão, comprimento das mangas e estilo do penteado. As mulheres usavam sempre o quimone, em ocasiões especiais, uma anágua, duas ou três peças externas ou casaco de seda entrelada. Os homens do campo andavam descalços, e se vestiam com uma jaqueta, calças de crepe de algodão azul ou branco, chapéu de fibras vegetais ou de palha.

No governo da Coréia, havia um Conselho de Ritos, que ditava e regulamentava o código cerimonial das classes mais altas, inclusive seus trajes. Os coreanos vestiam-se diferentemente, conforme as classes sociais e a idade. as jaquetas e calças eram usadas por todo o povo. Quanto maior o status do indivíduo, maior o seu número de peças.

Pode-se, a partir destas citações, concluir que todas as culturas sempre ditaram como seus membros devem se apresentar; além do fato desta discriminação basear-se em critérios: posição, sexo, ocasião e demais categorias e estas constituem o lado invariante das variações no tempo e no espaço - a ligação entre significado e significante, e segmentação e adequação do corpo mediante sistemas. Apesar das diferenças constatadas, as igualdades se concentram no fato das ordenações da imagem corporal pela própria cultura, sendo que nenhuma delas omitiu esta designação ou delegou-a livremente aos indivíduos, a não ser em forma de escolha dentre algumas opções culturalmente estipuladas e concedidas.

### 3. SINTAGMA E PARADIGMA:

As unidades da Língua dependem de dois níveis de relações comportadas entre os Signos Linguísticos: o sintagmático e o paradigmático.

O Sintagma se refere às relações necessárias de um signo com os termos antecedentes e conseqüentes, com os quais contrasta; são as relações de seqüência material den

tro de cadeia falada. Neste encadeamento, os termos fundam entre si ligações firmadas sobre o aspecto linear característico da Língua, pois em virtude deste alinhamento, dois elementos não pode ser pronunciados concomitantemente.

O Paradigma é constituído pelo conjunto de relações de semelhança ou diferença que um termo presente estabelece com os termos ausentes do Discurso, mas com os quais pode ser substituído. Esta associação se processa na memória, fora do Discurso, propiciando agrupamentos de termos que se ligam de formas bastante variadas.

Sendo a Frase uma sequência de signos linguísticos, pode-se dizer que estas palavras reais, presentes, em extensão, constituem o Sintagma; e o fato de cada uma ser selecionada dentre outras possíveis, ausentes, ligadas por associação, indica a existência do Paradigma.

Há de se examinar como esta questão de dualidade Sintagma/Paradigma se instaura na imagem corporal, materialmente constituída pelos artefatos sociais. O esquema corporal se compõe de uma estrutura integrada por vários elementos que interagem e se definem por oposição mútua. A percepção do corpo corresponde a uma completa assimilação desses elementos e do inteiro contexto, no qual eles se inserem, como partes integrantes. Assim sendo, todas as partes do corpo se organizam estrutural e funcionalmente, para formar o campo perceptivo que organiza a imagem corporal. E, se há uma ligação entre as partes corporais processar-se-á uma conseqüente relação entre os componentes materiais despojados sobre o corpo, que combinam entre si para

fundar a frase que este corpo deve comunicar. Pode-se reconhecer este fato como Sintagmático, que se instaura na estrutura da imagem corporal, articulando-se dentro de dois níveis.

O primeiro se refere à preocupação observada em constituir-se a figura do corpo, através de uma combinação - em uma harmonia esteticamente convencionada pela cultura, em certa época - entre os objetos adotados em um dado momento, ou seja, o fato de vestir um conjunto de calça comprida e camisa, que combine com os sapatos, o chapéu, a bolsa, os acessórios, a maquiagem, o penteado e outros detalhes. Essas escolhas se processam sempre segundo vários critérios, como a cor, o feitio, o comprimento, a ocasião e demais condições. Ouve-se, por exemplo, que um vestido habillé não se ajusta a um tênis, mas com uma sandália alta; um short não deve ser usado com um sapato tipo Luís XV, mas com calçados de salto baixo; um biquini de praia não comporta uma boina de lã, mas um chapéu de palha, panamá ou certos padrões. Existe um conjunto de regras que convenciona o uso dos objetos no corpo - estabelecido pela Moda - e que determinam e configuram o seu aspecto sintagmático. Ou seja, as peças não são dispostas aleatoria e indiscriminadamente, há um elo entre elas, para totalizá-las em um contexto comunicador.

O segundo nível, aqui proposto, pode-se referir ao que Roland Barthes (1979) identificou como a sintaxe que une as unidades significantes. É efetuada através de uma forma livre, consistindo na mera combinação que concatena um determinado número de matrizes dentro de uma frase; é uma relação recíproca que une o objeto, o suporte e o variante dentro de uma combina-

tória infinita, permanecendo, no entanto, finita e estavelmente o Sintagma. No enunciado "blusa de seda listrada branca e preta com botões de vidro transparente", existem matrizes que se unem para formar outro objeto; mas as relações sintagmáticas entre estes termos permanece.

Barthes (1979, p. 167), sumariza:

*"ao nível do traço, a relação sintagmática comunica com dados sociais e técnicos; é o lugar do sistema geral da Moda por onde o mundo penetra no sentido, porque é o real que, através do traço, dita as possibilidades de o sentido aparecer. A relação sistemática, no que parece, remete (ainda que a discussão sobre o binarismo permanece ainda aberta) a uma memória, ou talvez a uma antropologia; a relação sintagmática, por sua vez, remete seguramente a uma práxis, vale dizer, sua importância".*

Quando aqui se mencionou sobre a possibilidade das variações dirigidas a um determinado objeto, cuja Sintaxe é constante, referiu-se à questão paradigmática, que completa a dualidade linguística, opondo-se ao Sintagma. Cada termo que é escolhido para formar a apresentação corporal, corresponde à seleção realizada dentre outros significantes, que poderiam constituir-la, também.

No primeiro nível, anteriormente discriminado, a existência do Paradigma é evidenciada ao constatar-se que há vários feitios, cores e padrões de calçados, saias, blusas, calças, vestidos, casacos, chapéus, penteados, maquilagem e demais práticas e objetos corporais dentre os quais são retirados determinados objetos para formar o traje do indivíduo. Há sempre um conjunto de possibilidades do qual são extraídas as peças momenta-

neamente assumidas.

No segundo nível, de forma semelhante, depara-se com a questão paradigmática ao admitir as possíveis variações sobre uma peça, como o exemplo anterior da "blusa de seda listrada preta e branca com botões de vidro transparente". Esta poderia ser de algodão, de lã ou de Tergal; verde, azul, bege, lilás ou amarela; de bolinhas, quadriculada, lisa ou estampada; com botões de massa, marfim, plástico, metal ou de osso, e, ainda, com outros detalhes.

A Moda, de uma maneira geral, irá ditar que Paradigma vestimentário há de se adotar por uma temporada, obedecendo a determinações sintagmáticas, que permanecem ao longo do tempo. Apesar do fato de que a Moda possa determinar alterações na combinação entre os elementos - no plano sintagmático - a priori, já existiria alguma forma de elo entre estes elementos, que estão sempre ligados, por qual relação for. Mesmo que a bermuda passe a ser adotada como um Luiz XV, alternando a regra de combinação, ambos continuam sendo ligados um ao outro. E o fato destes elementos comportarem entre si, sempre alguma forma de relação, é que indica a presença e o efeito do Sintagma.

Há de se observar, ainda, que a variação paradigmática pode elevar a uma transformação semântica (termo referente a Semântica: estudo do sentido das formas linguísticas, focalizando-se as suas significações externas, de um modo geral), já que os conteúdos aí entram em jogo. A alteração de um elemento da frase pode mudar o sentido de todo o contexto. Fato este provindo de uma das propriedades características do conceito estru

turalista de "estrutura", segundo o qual, a alteração de um elemento, modifica a totalidade.

Há algum tempo atrás, por exemplo, a Igreja Católica Apostólica Romana, no Brasil, exigia que as pessoas do sexo feminino usassem um véu para tomar a Comunhão, na missa. O véu das solteiras era branco; e o das casadas e viúvas, era preto. Ambos possuíam semelhantes características em dimensões, artigo etc. porém as cores (preto e branco) representavam e dicotomizavam as circunstâncias de impureza e pureza, respectivamente. A relação entre ambos os termos manifesta um aspecto da Sintaxe (estudo da disposição dos vocábulos na proposição, em suas relações; da ligação entre as frases e da construção gramatical) da organização social. A cultura separa e discrimina certas situações, eventos e fenômenos, atribuindo-lhes significações, classificações e policotomias. Estes processos de ordenação do Universo são oriundos de natureza do espírito, determinantes da estrutura manifestada nos vários níveis do sistema social. E a roupa pode ser considerada um destes níveis em que a atividade estruturante se torne presente, cujos efeitos a revelam.

A divisão da Moda por estações do ano também revelam esta tendência de segmentação do tempo, presente no corpo. Dentro de um plano prático ou teórico, não haveria justificativa para o vestuário do verão ser distinto do da primavera, outono ou inverno - a não ser o ajuste à temperatura-ambiente a corporal. As justificativas, então, estarão no nível simbólico; as roupas comunicam, por um processo semelhante ao mimetismo (fenômeno pelo qual um ser vivo assume caracteres dos objetos em cujo meio vive), um tipo de indivíduo integrado - no caso, física-

mente - ao seu sistema, periodicamente reorganizado por influências sazonais, ou outras que se pretende averiguar e relacionar.

#### 4. METÁFORA E METONÍMIA E CONOTAÇÃO E DENOTAÇÃO:

Certos objetos ou qualidades dos objetos podem tornar-se substitutos simbólicos de determinados conteúdos. Seja pelo processo metafórico ou pelo processo metonímico.

Segundo Câmara Jr. (1977, p. 166), Metáfora consiste na

*"transferência de um termo para um âmbito que não é o seu, sem fundamentar-se em uma relação objetiva entre a Significação própria e a figurada, porém, em uma relação toda subjetiva, criada no trabalho mental de apreensão".*

Ela tem um papel expressivo de evidenciar aspectos que, por si só, o termo não consegue transmitir.

Para Roland Barthes (1979), a função da Metáfora nas vestimentas é converter uma unidade semântica comum em uma eventualidade simuladamente original. Essas associações se fazem, por exemplo, nos jornais de Moda, ao declararem que, para o inverno, as roupas deverão ser em tons pastéis; na primavera, estampados etc. Existe entre estes termos um sentido de Conotação, uma determinada maneira tácita de sugestão, que reflete uma percepção do mundo ou uma ideologia. A Conotação alude ou implica em mensagens que, não visíveis literalmente de imediato, e podendo ser decorativo, metafórica ou pejorativa, transmite, no quotidiano, cargas afeti-



vas ou intelectuais, conscientes ou inconscientes, que muito interferem no relacionamento social.

Essa substituição simbólica pode ser ainda, através do processo metonímico, que consiste na prolongação do espaço de significação de um termo, fundada em uma relação objetiva entre a própria significação e a figurada. Essas relações podem se referir à parte e ao todo; um produto e sua matéria-prima; um ser e seu princípio ativo; o agente e suas resultantes; um ser e seus aspectos físicos ou outras modalidades de relação. A Metonímia é um mecanismo sincrônico que leva a um aumento das situações em que um termo é aplicado, fora o seu uso semântico original.

Pode-se exemplificar o processo metonímico dentro dos códigos vestimentários, a partir de frases como: "Um cocar representa um Pajé". "Uma grinalda representa uma noiva". "Uma gravata representa um homem". "Uma coroa representa um monarca", e demais ditados que ligam uma peça indumentária a uma forma de existência.

Estes uniformes estão, por hábito, associados a determinados status, posições sociais, circunstâncias, estados afetivos ou outras condições de tal forma que, eles sozinhos, tornam-se capazes de substituir e representar os respectivos termos ; assim, os objetos passam a simbolizar e a aludir a situações específicas, sendo que a evidência dos primeiros (os objetos materiais) dispensam a manifestação e explicitação dos outros (os usuários, suas posições e demais caracteres).

As ligações acima se efetuam dentro de um processo de

Denotação, que corresponde, segundo Câmara Jr. (1977, p. 92), a uma

*"representação compreensiva em face do mundo exterior e do mundo subjetivo interior",*

em um contínuo significativo, refletindo um determinado saber acerca do assunto discutido.

Pode-se dizer, então, que o preto denota o luto, porque existe uma correspondência entre ambos na realidade objetiva. Mas por outro lado, o preto conota o luto, pois esta ligação depende, também, de convenções sociais, de determinantes culturais. Assim, conotação e denotação se pactuam a fim de fornecer um sentido total aos termos ou expressões, podendo até estabelecer alterações de natureza semântica. A Denotação é, pois, a linguagem de base ou linguagem primeira; e a Conotação, a linguagem "decorativa" ou linguagem segunda.

##### 5. SINCRONIA E DIACRONIA:

Esta dualidade é composta por elementos não correlatos, pois a relação entre eles não é simétrica, já que a sincronia é prioritária. A realização do estudo sincrônico dispensa o diacrônico; porém este, que é considerado como a conversão de um estado da Língua para outro, inclui o sincrônico.

A Sincronia se refere ao eixo das simultaneidades. Es

ta análise, que pode ser diacrônica, realiza-se sobre as relações que existem entre os elementos, excluindo-se o fator tempo, e o seu sentido histórico. Estas exclusões não implicam na negação de suas veracidades ou de suas importâncias no estudo da Língua; mostram, no entanto, que a análise sincrônica pode se efetuar sem a verificação dos estados anteriores e posteriores da Língua. A sincronia é a regra da convivência dos termos, entre os quais existe uma determinação mútua; é o estudo do próprio sistema nas relações que o compõem.

A diacronia se refere ao eixo das sucessividades, onde se analisa as transformações sucessivas entre os fenômenos (ou termos) ao longo da História; corresponde ao estudo evolutivo do sistema. O objeto de estudo é a ligação do fenômeno com precedentes e conseqüentes.

O Estruturalismo, de um modo geral, e Saussure, em especial, concede primazia ao estado sincrônico, atenuando a importância da historicidade, pois a estrutura primeiramente a ser atingida é a sincrônica. As variações linguísticas são produzidas no nível do Falar concreto, em um ou mais elementos formadores do sistema, em um estado contemporâneo da Língua. Os limites dessas variações são determinadas por leis de equilíbrio do sistema que incidem sobre os termos, e a cada instante histórico, subordinam-se à sincronia. Sendo a Língua, este sistema de diferenças e oposições, todas as significações são relativas umas às outras, interdependentemente.

A prioridade atribuída à sincronia pelos estruturalisistas deve-se à relativa autonomia das leis de equilíbrio em rela-

ção às de desenvolvimento; à intenção de restringir-se o estudo linguístico aos caracteres internos e permanentes do sistema; e, também, ao caráter arbitrário do signo linguístico que, segundo Saussure, sendo convencional, não possui relação necessária com a sua significação, embora haja autores que discordem deste ponto, como o já citado Benveniste.

Ao transpor estes postulados para a problemática da imagem corporal instituída pela Moda, verifica-se semelhantes colocações tocantes à dualidade Sincronia/Diacronia.

Observou-se que a apresentação do corpo, culturalizada, varia ao longo do tempo (o vestuário do século XIX foi distinto do da era antiga; o dos anos 60 não coincidiu com o dos anos 50) e no espaço (apesar da publicidade mundial dos jornais de Moda de Paris e Roma, eixos lançadores, o brasileiro veste-se diferentemente da européia e da oriental). O estudo comparativo dessas constatações consistiria em uma análise diacrônica, que tentaria verificar que leis transformadoras determinaram cada momento, provocando a passagem de uma configuração para outra.

Roland Barthes (1979), analisando a Diacronia da Moda, aponta suas variações como regulares, atendo-se a um período longo; e como regulares, caso se restrinja aos anos em que se vive hoje. E, ainda, com dois tipos de durações: uma histórica e um memorável.

Kroeber, citado por Barthes (1979), estudou o primeiro tipo, selecionando traços dos desenhos do vestuário feminino e mensurando suas alternâncias durante um período longo de tem-

po, sem considerar, no entanto, o sistema linguístico. Ele concluiu que a História não interfere diretamente sobre a Moda, exceto nos casos de modificações históricas bem profundas, acelerando as variações no vestuário. A constatação de que a História não explica os feitios, comprova a tese da arbitrariedade dos signos transporta para o campo da Moda. Isto é, o significante vestimentário nada possui, em suas características de forma, cor, dimensões, que evoque o valor ou o conteúdo histórico de seu significado.

Kroeber ainda verificou um ritmo regular nas variações da Moda, que também obedece a uma ordem interna racional, como, por exemplo, a correlação constante, por ele encontrada, entre a largura do quadril e a do busto nos modelos. A História não atua de modo analógico sobre os traços da Moda; interfere, porém, no ritmo desses traços, para alterá-lo ou reordená-lo. As mudanças da Moda em si permanecem externas à História, e-las são alternativas determinadas por um sistema interno e autônomo. Este caráter da Moda reflete certas leis estruturais que a regem, ou melhor, o fato de que, não obstante a interação dos elementos da estrutura, preservam-se as leis próprias de cada um deles, que conservam as suas relativas autonomias internas.

A alteração no ritmo da Moda poderá refletir a configuração de uma nova sociedade, fixada pelos seus processos econômicos e aparelhos ideológicos. Por exemplo, à medida em que uma nação passa a sofrer influências políticas e econômicas de uma outra, poderá importar alguns de seus hábitos, talvez até por uma imposição sutil de interesse da segunda. O vestuário concerne-se a um destes hábitos cujos modelos são copiados to-

tal ou parcialmente, ou então, em algum aspecto do objeto, como por exemplo, adotar um feitio estrangeiro confeccionado em tecidos habituais ou outras medidas adaptativas. Isto ocorreu entre o Japão e os Estados Unidos da América do Norte, a partir da segunda guerra mundial, momento de fortes interferências políticas. O povo japonês, que sempre manteve invicta a sua cultura, em diversas dimensões, passou a vestir o jeans, cantar Rock, dançar Twist, mascar chicletes e adotar outros hábitos do povo norte-americano.

As influências políticas, tendo incidindo sobre o sistema social - cujas características antes existentes e o processo de acoplamento dos dois povos constituem-se um objeto de estudo da História - provocou alterações em determinados hábitos pois os elementos desta estrutura, estando relacionados e integrados uns com os outros, reformularam-se a fim de preservar essas relações.

A Moda, analisada em sua sincronia, concerne-se ao conjunto de traços selecionados, em um dado período. A cada variação, pequena ou grande, aparece uma nova estruturação; isto é, a cada transformação diacronicamente efetuada, configura-se uma nova sincronia, uma nova disposição de elementos organizados, uma nova reunião de formas, padrões, cores e dimensões, que passam a comandar os corpos dos indivíduos em sua apresentação materialmente prescrita pela cultura.

A Moda de uma estação climática de um ano, constitui um exemplo de sincronia. Dita-se uma série de elementos vestimentários que mantêm relação entre si, possibilitando uma ado—

ção simultânea com harmonia, assim como é prescrito uma espécie de enxoval para o indivíduo, oferecendo-lhe opções segundo suas necessidades e conveniências. A escolha sincrônica se processa sobre um repertório de possibilidades em uma combinatória simultaneamente instituída.

Estas combinações e variações no vestuário se manifestam no plano concreto, constituindo sempre numa organização atualizada e à qual se tem acesso, teoricamente. Por isso, aqui se pretende que o estudo da Moda seja dentro de uma perspectiva sincrônica, minimizando-se a importância das leis que regem a passagem de um estado de Moda para outro. É enfatizado, porém, as relações que são comportadas entre seus elementos, que referem-se aos eixos antropológicos, psicológicos e sociais. Ou seja, este esboço de análise tenciona elaborar um modelo de compreensão da linguagem não-verbal firmada pela imagem corporal instituída pela Moda; apresenta uma luz teórica que trilhe a leitura dos conteúdos comunicados pelo corpo, estabelecidos pelas determinações psicossociais, assim como a dissecação das motivações psicológicas responsáveis pelo uso - convencional - das vestimentas.

Através da observação empírica; entrevistas com pessoas ligadas ou não à Moda, de classes sócio-econômicas, idades e profissões diversificadas; consultas bibliográficas e artigos de revistas e jornais, foi captado um delimitado número de categorias invariantes, compostas por eixos bipolares, que visam o cumprimento das funções imanentes da estruturalidade da Moda. Essas dualidades serão discutidas no capítulo seguinte.

## CAPÍTULO IV

### AS CATEGORIAS INVARIANTES PSICOSSOCIAIS DA IMAGEM CORPORAL

#### 1. IDENTIDADE E DIFERENCIAÇÃO:

O primeiro eixo das categorias invariantes da Moda é constituído pela identidade que a roupa<sup>g</sup>em confere aos indivíduos, tendo como polo oposto, a diferença e a diferenciação. Pode-se declarar que ambos interagem, concomitantemente, em processo dialético, pois a partir do momento em que o indivíduo se reveste daquilo que indica o que ele é; fica incluído no seu ser, também aquilo que ele não é, ou melhor, exclui as outras possibilidades de ser.

Convém, primeiramente, examinar alguns conceitos e definições de "identidade", "diferença" e correlatos, dentro das propostas de alguns autores, aplicando-os, posteriormente, à problemática da imagem corporal construída pela Moda.

O Dicionário Escolar de Língua Portuguesa define o termo identidade como

*"a qualidade de ser idêntico"; idêntico, como "perfeitamente igual, semelhante, análogo, consubstanciado"; identificação, como "determinação da identidade; conhecimento de uma coisa ou um indivíduo como os próprios";*

e, identificar, como

*"tornar idêntico; estabelecer a identidade; fazer de duas ou mais coisas, uma só; tomar o caráter de uma coisa, con*



*fundir o que é seu com o alheio; compenetrar-se do que outrem sente ou pensa; conformar-se.*

Buarque de Holanda (1975), define estes termos de forma coincidente, incluindo no conceito de identidade:

*"conjunto de caracteres próprios e exclusivos de uma pessoa (nome, estado civil, sexo etc.); reconhecimento de que um indivíduo morto ou vivo é o próprio".*

Comumente, equipara-se identidade à mesmidade, cujo sentido está relacionado com a continuidade do caráter pessoal ao longo do tempo; com o sentimento de ser o mesmo, desde a infância até a velhice; e, também, com o fato do indivíduo descobrir-se como elemento de uma estrutura mais ampla, inserido em contexto histórico e social.

A cultura a que pertence o indivíduo, nele penetra desde o nascimento e em todas as fases de sua vida, contribuindo fortemente para a formação da identidade individual. Até o pensamento e a cognição movem-se dentro de determinadas pautas culturais, mesmo que sejam particulares e desviantes da média geral.

Apesar de defrontar-se, na sociedade contemporânea, com uma coleção de concepções de mundo, de métodos interpretativos, de conceituações de valor, de ideologias sociais, o indivíduo, ainda assim, não possui uma completa liberdade de opção, já que as escolhas sempre se efetuam dentro de um leque de alternativas estabelecidas pelo seu percurso histórico, social e afetivo. O próprio processo de socialização primária já direciona o indivíduo, impondo-lhe certos obstáculos contra o livre auto-de-

terminismo. Assim, a liberdade consistirá em transitar dentro das possibilidades oferecidas e especializadas pela estrutura social, que se referem às opções possíveis concedidas e assumidas pelo indivíduo, o qual se acostuma a existir em um universo em que a organização social, as ideologias sociais e a imagem pessoal estão incorporados, combinados e miscigenados; de forma que fica inviável a percepção consciente da oposição entre a identidade pessoal e sociedade.

Assim, o conceito de identidade comportaria duas vertentes: estando no limite entre a psicologia individual e a cultura, na fronteira que separa a mais íntima biografia do indivíduo.

Grinber e Grinberg (1976), consideram a aquisição do sentimento de identidade como a resultante do produto de um processo de interrelação contínua entre três vínculos através dos quais o indivíduo estabelece o seu contato com o mundo. Eles são: o espacial, o temporal e o social. Esses pontos servem como referências para que o indivíduo mantenha a sua mesmidade, apesar das transformações internas e externas na organização de seu mundo.

Erving Goffman (1975), emprega o termo "representação" para se referir a toda atividade desempenhada por um indivíduo dentro de um período caracterizado por sua presença diante de um ou mais observadores, sobre os quais exerce alguma influência. Ele denomina "fachada" a parte da execução do indivíduo que se move de modo regular, geral e estável, com o objetivo de esclarecer as suas circunstâncias e suas posições frente os

observadores; constituindo, assim, a material de expressão baseado em um modelo, que o indivíduo utiliza, de forma consciente ou inconsciente. A fachada pessoal é constituída por caracteres do indivíduo, como aqueles que são insígnias da função ou categoria, vestuário, sexo, idade, aspectos raciais, altura e aparência, atitudes, padrões de linguagem, expressões faciais, gestos corporais e demais aspectos pessoais. Alguns desses códigos são imutáveis, e outros, passageiros.

Goffman (1975), ainda divide a fachada pessoal em aparência e maneira. A aparência - aqui enfatizado - consiste no conjunto de estímulos que agem em um dado instante para informar sobre o status e o papel social do indivíduo, assim como a atividade desempenhada e o estado emocional. A "maneira" é o conjunto de estímulos emergentes que revelam sobre a atitude que o indivíduo intenciona tomar no momento seguinte. Goffman parece ater-se ao sentido manifesto do termo identidade, abordando os papéis que o indivíduo assume na constante interação com o meio social, que exprimem as suas identidades momentâneas; omitindo, porém, o caráter de mesmidade que possa concatenar estes diferentes papéis.

Maisonneuve (1977) aponta dois aspectos na definição de papel ao nível do senso comum. O primeiro é, por ele, chamado de funcional e pragmático, que se liga a uma determinada circunstância ou papel social, sujeito a normas e hábitos. O segundo se refere ao aspecto imaginário, teatral; o papel assumido poderá ser uma máscara, uma forma de disfarçar a personalidade ou de identificar-se a uma figura idealizada, imitando-a.

Maisonneuve ainda classifica o "papel" dentro de outro sistema, dividindo-o em três categorias. O primeiro se encontra a nível institucional, assinalado por preceitos e pela ligação com uma organização de papéis sociais. O segundo, a nível individual, firmado pela personalidade do indivíduo e sua intenção expressiva. E o terceiro, a nível interacional, que tem a função de complementar os papéis de caráter mútuo.

Assim, a personalidade, para Maisonneuve, se expressaria através de uma diversidade de papéis fracionados, porém organizados concretamente. No entanto, ele pondera que os sentimentos de identidade não se restringem ao conceito de papel; correspondem à vivência existencial, a um ser presente no universo, em cuja privação, o papel não seria suficientemente significativo; sem que, todavia, Maisonneuve recorra a filosofias transcendentais para explicar o fenômeno.

Ao analisar a relação entre a identidade individual e as instituições, José Bleger (1977) observa que cada instituição passa a constituir uma parte da personalidade do indivíduo. A identidade seria - no todo ou em parte - grupal ou institucional. Assim, ao menos um lado da identidade se estabeleceria pelos grupos, instituições, ideologias, partidos, organizações e os demais sistemas sociais, aos quais o indivíduo pertencesse. Fenichel (1966), atribui às estruturas individuais, institucionalmente construídas, a manutenção dessas próprias instituições; e conclui que as instituições fixam, em proporções mutáveis, as fronteiras do esquema corporal e da identidade pessoal.

Hochmann (1971), acentua a importância das relações in-

terpessoais no processo da formação da identidade; a qual se estrutura a partir da interveniência do fator social e das instituições, representados pelo "outro" - o terceiro elemento daquelas relações.

R. D. Laing (1976) também enfatiza a presença do outro como indispensável para a construção da identidade que se efetiva através das relações interpessoais. Estas relações vão definir a identidade que se estabelece como complementar a papéis culturalmente condicionados. Laing, todavia, ressalta o sentimento de mesmidade como condição para a auto-identificação ao longo do tempo e do espaço.

Berger e Luckmann (1978) apresentam o conceito de identidade como resultado da interação dialética entre o indivíduo e a sociedade. Os processos sociais estabelecidos pela ordem da estrutura social produzem a identidade, podendo preservá-la ou alterá-la. Por outro lado, a identidade que resulta da concatenação entre o organismo, a consciência individual e a estrutura social, reage sobre esta última, conservando-a ou transformando-a.

Para estes autores, as estruturas sociais e históricas produzem espécies de identidades que podem ser empiricamente observadas sem a preocupação de formular ou verificar veracidade teórica. Como é o caso das identidades oriundas da naturalidade do indivíduo, de seu status, sua profissão e demais peculiaridades.

A formação da identidade se inicia desde a socialização primária, quando começam os processos de interiorização dos

conteúdos provindos da sociedade por parte do indivíduo. A criança absorve e internaliza as condutas das outras pessoas que lhe são significativas ou próximas, apropriando-se delas e enca<sup>ra</sup>ndo certas convenções culturais e sociais, como algo intrínse<sup>co</sup> à realidade e natural, paralelamente à aquisição da Linguagem. Ela interioriza o mundo que a cerca com o único possível, real e existente, e não como uma possibilidade dentre outras; percebendo as eventualidades deste universo como necessárias e inevitáveis. Ao tomar ciência, a sociedade se prevalece deste evento e tenta iludir o indivíduo, fazendo emergir como uma necessidade o que, na realidade, se trata de um fascículo de contingências.

A imagem corporal - que é componente axial da identidade pessoal - se firma continuamente, a partir das relações interpessoais da criança durante a socialização. A imagem que ela percebe é aquela que lhe é apresentada através dos canais sensoriais. No entanto, esta percepção já é repleta de intervenções e sentidos culturais. A criança já conhece o seu próprio corpo modificado, socializado, vestido, suportando signos; e em função do modo como os outros o vêem e a partir da vivência dela com os corpos das outras pessoas. Ao constatar uma gravidez, a primeira providência da sociedade ocidental é formar o enxoval para o bebê. Estas roupas já começam a traçar, parcialmente, o espaço da nova criatura, mesmo antes de seu aparecimento concreto.

E muito cedo, a criança conhece o seu corpo recoberto por roupas. Este fato vai influenciar fortemente sobre a sua auto-identificação, em cujo processo formador participa a imagem

corporal, percebida pelo próprio indivíduo; fundada na dialética entre a sua vivência interna e a constatação dos aparatos sustidos pela sociedade em direção ao seu corpo. Os mecanismos de julgamento e de avaliação, daí decorrentes, tendem a se generalizar, impelindo o indivíduo a apreciar e classificar também seus circundantes de acordo com as respectivas apresentações corporais, já que a sua identidade pessoal é, em grande parte, firmada pela percepção do corpo próprio, fatalmente socializado e vestido.

Argyle (1976), ao discutir sobre a linguagem não-verbal que complementa a linguagem verbal, aponta a apresentação física - empreendida pelos gestos e vestuário - como um forte fator de influência interpessoal; as roupas, o porte, o rosto são componentes de atratividade e julgamento pessoais. Principalmente em culturas mais frias e civilizadas, o corpo é bastante coberto por roupas, e, sendo a elas que se tem acesso, serviirão de elementos para a avaliação dos indivíduos.

O Dicionário Escolar da Língua Portuguesa (1965), define o termo diferença como

*"alteração, desconformidade, divergência, diversidade"*

diferençar ou diferenciar como

*"distinguir, discriminar, diversificar", diferenciação como "ato ou efeito de diferenciar"; e diferente como "dessemelhante, diverso, distinto, desigual".*

Buarque de Holanda (1975), define o termo diferença co

mo

"qualidade de diferente; falta de semelhança ou igualdade; dessemelhança; dissimilitude; alteração, modificação; diversidade; disparidade; variedade; desconformidade; divergência, desarmonia; transtorno; distinção, desproporção; desigualdade".

diferente, como

"que não é igual, que não coincide, que difere, diverge; divergente, diverso, desigual; não semelhante; alterado, modificado".

A noção de diferenciação é aqui entendida como complementar à de identidade, como sua consequência. Está ligado ao sentido relativo da palavra identidade, pois contém esta um caráter particular, imanente de um sistema interno na dialética entre o indivíduo e sociedade. A diferenciação é delimitada com referência a um critério, a um sistema externo ao indivíduo, quem ao ser confrontado com os demais, recebe e assume uma essência, cujo valor significativo advém do fato deste indivíduo habitar em um sistema de oposições, onde os elementos significam porque contrastam uns com os outros. O próprio processo de identidade já comporta em si o mecanismo de diferenciação; pois por ser separado, diferente e único, é que o indivíduo consiste em ser idêntico somente a si mesmo, e não coincidente com os demais.

Em recente artigo publicado por um jornal niteroiense, intitulado "A Moda dos objetos personalizados", foi discutida a problemática da identidade que se dissolve através da massificação dos artefatos de uso pessoal. Argumenta-se que, com o ad



vento da industrialização, a produção em série foi fortemente impelida e a massificação de diversos artigos foi rareando a originalidade e a expressão criadora individual. Assim, este artigo justifica o aparecimento e a urgência dos objetos personalizados, em função da busca de identidade em um sistema onde a tecnologia e o consumismo ocultam as diferenças individuais, reveladoras da unicidade de cada um.

Os processos de identificação e de diferenciação são semanticamente preenchidos por categorias que, em certas culturas e na sociedade em que vive o pesquisador, particularmente, classificam os indivíduos, cujas vestimentas permitem - parcial ou totalmente - reconhecer suas posições, intenções ou aspirações perante estas ordenações. Pretende-se aqui levantar algumas destas categorias, analisando-as, que são: o status, posição social, papel; a faixa etária; a ocupação, atividade e circunstância; o sexo, as características individuais, cujas descrições se seguem.

### 1.1 - Status, Posição Social e Papel:

Os conceitos de status, papel e posição social devem ser compreendidos dentro do sistema social - que é um sistema de interrelação de uma globalidade de pessoas - pois estes só adquirem sentido quando inseridos em um campo que possibilite comparar e confrontar os indivíduos.

Cada indivíduo ocupará um espaço, um lugar neste siste-

ma, um conjunto de atribuições, inserções, alcances e limites , ou seja, uma posição social, que acarreta no desempenho de um papel. Em Cardoso e Yanni (1975), papel é definido como um âmbito ordenado da orientação de um ator que forma e fixa a sua interação com o meio, incluindo uma série de expectativas complementares, tocantes às suas ações e a dos seus interagentes. Existindo diferentes posições e papéis dentro de um sistema social, eles não serão igualmente valorizados pelos elementos, alguns são mais admirados, desfrutam de maior reverência e privilégios. Processa-se, assim uma hierarquia valorativa de posições, cujos pontos serão denominados de status, que são fortes de terminantes do comportamento das pessoas.

O corpo configurado pelos vários envoltórios pode comunicar sobre o espaço ocupado pelo indivíduo dentro da sociedade. O ditado popular: "A roupa faz o homem" reflete esta proposição, reforçando o caráter transformador e orientador do lugar concedido ao indivíduo através da imagem que ele apresenta. Assim, como um operário poderá passar por executivo, caso se vista como este.

Em sociedades capitalistas, o status e valorização social, cujos demonstrativos poderão situar-se no corpo, são, em grande escala, obtidos proporcionalmente ao poder aquisitivo. Isto favorece às classes mais abastadas, cujos componentes possuem condições maiores de adquirir as novidades emergentes a cada momento no mercado da Moda, descartando-as e renovando-as constantemente; assim como de obter objetos de preços bastante elevados, como jóias, casacos de peles etc. que possuem vida mais duradoura, material e socialmente.

O incessante movimento de reposição da Moda vem a atender algumas das metas dessas classes mais privilegiadas, que buscam identificar-se como tais e distinguir-se das mais inferiores. Existe, porém, um mecanismo de imitação dos comportamentos manifestos - o que aliás constitui uma condição fundamental para a consolidação da sociedade - da classe superior pelas mais inferiores, que a reverenciam. A tentativa dos admiradores em copiar os seus admirados, provoca nos segundos, uma insatisfação pela equiparação e, por recusar a renúncia aos seus emblemas de superioridade e de valorização, novos produtos são arquitetados para si, eliciando um afastamento de seus imitadores e justificando a sobrevivente efemeridade da Moda, já que estes movimentos são constantes.

A Moda parece possuir um paradoxo: todos tentam, concomitantemente, ser iguais e diferentes dos outros. Para pertencer a uma determinada categoria, todos os componentes precisam ter aspectos físicos em comum. A Moda surge, então, como o referencial observado pelos indivíduos, para emitirem imagens niveladas com os demais. Por outro lado, buscam adotar, ao menos, um detalhe que os distinga, que os personalize ou autentique.

Há alguns anos atrás, na coluna social de um jornal europeu duas aristocratas em uma cerimônia foram fotografadas por estarem portando o mesmo modelo de um famoso figurinista da alta-costura, e com o relato do impasse e decepção de ambas ao se defrontarem, pois julgavam exclusivas as respectivas vestimentas.

Pichon-Rivière (1970), além de conceber a Moda segundo

o paradoxo acima - como emergente da interação entre duas tendências aparentemente contraditórias: por um lado, o desejo de diferenciação, exibição, obtenção de uma essência e uma identidade; por outro lado, a necessidade de integração em um grupo social superior, intentada através do processo imitativo - reconhece, na contínua reposição de modelos resultantes do jogo de forças entre as classes sociais, uma realização da necessidade psicológica de renovação, do emprego da criatividade - que se sabe, relativa e limitada pelo dado empírico - na tentativa de atenuar a monotonia do quotidiano.

Pode-se observar que os artigos que entram em voga em um momento, tem os seus preços aumentados, não somente objetivando lucros provocados pela procura maciça, mas também para serem obtidos apenas por detentores do capital, numa espécie de pacto monopolista dissimulado, travado entre fornecedores e consumidores. Muitas vezes, o modelo passa a ser confeccionado com artigos mōdicos pelas classes inferiores que renunciam às etiquetas, enquanto a classe superior paga altos preços para adquirir estes indicadores de status. A valorização poderá decorrer até mesmo das fontes fornecedoras, das lojas. Algumas visam atender a uma clientela mais elitizada, enquanto que outras, camadas mais populares, mesmo negociando os mesmos produtos.

Em um sistema social rigidamente estratificado, sem possibilidades de mobilidade social, verifica-se, paralelamente, um sistema fixo de trajes, que seria ordenado de forma a corresponder a cada camada social. Contudo, a partir das tentativas e aspirações em direção à quebra desta hegemonia e homologia, os hábitos, os códigos e algumas aquisições da classe superior po-

dem passar a ser adotados por aqueles das classes inferiores, buscando permeabilizar estas escleróticas barreiras sociais. Esta imitação se processa num misto de admiração e inveja entre as classes.

O vestuário, ao assegurar uma identidade ao indivíduo proporciona-se a segurança de pertinência a um grupo, aumentando-lhe a auto-confiança e a aceitação como integrante do grupo em que se encontra ou que visa penetrar, ao incorporar os padrões normativos específicos do grupo em questão. E estes sentimentos de adequação social proporcionados pela roupa foram acentuatadamente verificados em entrevistas realizadas para este estudo.

De uma forma genérica, na atual sociedade brasileira, há uma grande influência dos modelos emergentes na televisão, principalmente aqueles sugeridos pelas telenovelas, que lançam figuras que o povo tenta copiar em seus vários níveis e aspectos e, sobretudo, nas roupas. A apresentação dos atores serve de "termômetro" da Moda, constituindo-se no padrão a ser atingido maciçamente, dado a previsão dos produtores sobre a conduta popular, aproveitando para introduzir os denominados "merchandising". A adesão aos artigos sugeridos pelas telenovelas permite hipotetizar-se sobre o mecanismo de identificação imaginária dos telespectadores com os seus ídolos, cujos enredos denunciam suas vidas não publicadas ou uma realização fantasiosa de desejos e ideais incutidos e reservados. Os temas de novelas, geralmente, abordam ascensões sociais e outras conquistas almejadas no interior de muitos indivíduos. E a apresentação corporal semelhante à dos personagens pode lhes proporcionar identi

tificações com os mesmos, aliviando suas almas.

## 1.2 - Ocupação, Atividade e Circunstância:

O fato dos indivíduos vestirem-se de acordo com os hábitos de seu grupo, permite a identificação de sua origem geográfica e regional. Observando-se uma pessoa portando um turbante e uma túnica, deduz-se tratar-se de um elemento oriundo do Oriente Médio. Portando um chapéu de palha, camisa xadrez, calça de brim tipo Lee, botas e lenço no pescoço, um cowboy. É dessas caracterizações que o folião, no Carnaval, se vale para projetar e confeccionar as suas fantasias, cujas configurações, por si só, permitem reconhecer a intenção e a mensagem transmitida pelo autor ou pelo usuário. Essas caracterizações regionais e culturais prestam-se, ainda, para inspirar os modistas e figurinistas, lançando a Moda japonesa, cigana, indiana, árabe e oriunda de outras regiões.

A imagem corporal subordina-se às descontinuidades temporais e espaciais, refletidas e contidas no quotidiano, por efeito da atividade estruturadora. Assim como os fatos sociais são separados por fronteiras artificiais, de forma que entre eles não haja sobreposição, congruência ou choques; o corpo é, igualmente, configurado e modificado segundo as ocasiões em que se encontre.

Esta verificação corrobora a tese funcionalista de que o corpo se vista objetivando a adaptação anatômica-funcional às situações em que o indivíduo se encontre. Por exemplo, que a ca

misola seja vestida para proporcionar maior conforto. Anteriormente a qualquer caráter pragmático, a roupa de dormir existe, porque sono e vigília; noite e dia; público e privado, assim como outras dualidades, compõem-se de fenômenos dicotomizados, nunca coincidentes. Deste modo, a estrutura subjacente a esta organização - a cisão dos eventos - manifesta-se também no corpo, submentendo-o a dicotomias, tricotomias ou até a policotomias. A camisola existe em oposição à roupa diurna, seja do trabalho, seja do lazer.

Há, ainda, de se focar a posição ambivalente de certas peças que, ao funcionar como "coringas", possuem maior maleabilidade, ao ser permitido os respectivos usos em diversas e diferentes ocasiões. É o caso da calça jeans, que, dependendo das outras peças que o acompanham, adequa-se às distintas circunstâncias, pelas formas variadas que assume. Além de se admitir o papel ambíguo do jeans, pronto para entrar em variados cenários, há de se ressaltar a participação organizadora dos elementos adjuntos e acessórios na formação do traje portado, dependendo deles, o contexto do jeans se altera: ele tanto pode ser usado com uma camiseta e tênis - indicando a situação mais informal e esportiva - como com blusa de seda, jóias e sandálias finas - conotando maior rigor.

Convém, aqui, enumerar algumas das divisões a que submetem-se a imagem corporal, assim como outros fenômenos sociais, que seguem determinados aspectos, atributos, ou, ainda, circunstâncias como: frio x meia-estação x calor; trabalho x lazer; fantasia x realidade; noite x dia; os vários rituais religiosos; dominado x dominante; sagrado x profano; morte x vida ;

público x privado; desvio x norma; meio rural x meio urbano; guerra x paz; renovação x tradição; velho x novo; homem x mulher; formal x informal; as diferentes práticas desportivas; bonito x feio; fechamento x abertura; alegria x tristeza; rico x pobre; criança x idoso (adulto); começo x fim e demais dicotomias.

Muito constantemente, pode-se notar as mudanças de posição pelas mudanças das roupas. Nos ritos de passagem, que marcam a transição de indivíduos pelas fronteiras sociais, muitas vezes todos os participantes vestem-se para o evento, primeiramente com roupas não habituais, para que estes limites possam ser evidenciados. Posteriormente, no decorrer da cerimônia, os indivíduos em transição despem-se ou colocam vestimentas peculiares para enfatizar o novo espaço. Por terem um caráter informativo, estas roupas são acentadamente padronizadas e prontamente reconhecíveis, tornando-se associadas às destinadas situações, a ponto de constituírem-se em seus símbolos substitutos, dentro de um processo metonímico.

A opinião pública também se adequa às situações em que o corpo se apresenta, a sociedade interfere e exige de seus elementos que se vistam (dentre outros comportamentos) de forma necessária e desejável. A reação perante uma mulher de biquíni na praia - considerado um fato comum - será diferente caso esteja fazendo compras em um supermercado. Assim como um homem vestido de terno em um jogo de futebol no Maracanã também provocará certo espanto.

Para que as pessoas se vistam de acordo com os vários



critérios pregnantes, a sociedade exerce vários níveis de controle social, pressionando-as em direção aos padrões vigentes e convenientes, desde o simples olhar crítico, o menosprezo, o comentário, a rejeição até as intervenções mais drásticas, como as punições, as proibições de entrada a algum recinto e outras atitudes.

A roupa, ainda, permite reconhecer a atividade que o indivíduo costuma desempenhar (como a ocupação profissional) ou que está desempenhando no momento (um esporte, uma tarefa em especial ou outra situação).

A cor branca, pela qual geralmente os profissionais médicos e paramédicos são identificados, transcende a sua função de demonstração de assepsia, estendendo-se à comunicação sobre a atividade desempenhada, tornando-se o branco, símbolo dessas classes profissionais. Embora, cientificamente, não existam fundamentos que justifiquem a adoção desta cor, ela é preservada, provocando idealizações, pré-conceitos e expectativas por parte do povo.

Ao deparar-se com uma pessoa vestida de "jogging", tênis e meias, com tiara na cabeça, infere-se estar praticando o teste de Cooper. Caso se vista com um avental e chapéu longo de pano branco, espera-se que seja um cozinheiro. Uma bermuda de nylon, cabelos louros queimados, uma prancha na mão; um surfista. As secretárias-executivas, normalmente, podem ser reconhecidas por suas roupas discretas, cabelos presos, saias longas e justas, a blusa tipo chemise de tecidos leves, finos e duráveis, saltos altos, e até os óculos de grau. Há algum tem

po, os corretores de ações podiam ser identificados pelo terno com a camisa social de gola aberta, sem a gravata. E os jornalistas e redatores de revistas, a camisa social com a gola igualmente aberta e sem gravata, com mangas arregaçadas, sem o paletó da calça do terno portado.

### 1.3 - Diferenças Sexuais:

Os indivíduos também possuem as suas apresentações físicas configuradas segundo as diferenças sexuais. Homem e mulher vestem-se distintamente, na atual sociedade, e em muitas outras distantes no tempo e no espaço, conforme já foi descrito em capítulos anteriores, referentes a um breve histórico do objeto estudado. Parece haver uma relação de proporcionalidade entre as disparidades de papéis socialmente determinados e estipulados diferentemente para o homem e a mulher, e as distinções nos respectivos trajes. Quanto maior a discrepância de direitos e deveres de ambos, menos coincidentes serão suas vestimentas, seja nos modelos ou nos detalhes.

A tendência da Moda unissex, emergente nos anos da década de 60, refere-se à equiparação das roupas do homem e da mulher, provavelmente como expressão de um processo de busca e de luta pela igualdade de condições, como também da consequência dos primeiros movimentos em direção a este nivelamento e correspondência de posições entre os sexos, dentro da contemporaneidade.

Sobre a mulher - ao ser encarada e tratada como obje-

to de satisfação sexual do homem - será investido um maior e crescente número de artigos a serem consumidos, que visam ornamentá-la e incitá-la à competição com as outras mulheres na disputa do sexo oposto, já que o homem estaria em uma posição superior e a respectiva companhia ou emparalhamento, almejados; pois através desta conquista e da manutenção desta relação, sentir-se-á, a mulher, mais segura e valorizada socialmente. Desta forma, constata-se a constante e perpétua função cumprida pelas roupas e detalhes femininos, em atrair o sexo oposto, finalidade esta, presente nos vários ângulos, inclusive desde a infância, quando a menina já manifesta a intenção de pintar-se, usar sapatos de saltos altos.

O objetivo de atração sexual pretendida pelas vestimentas, comporta não só uma necessidade sexual, como impulso instintivo inato, inerente à natureza biológica, mas também um movimento socialmente determinado em dirigir os indivíduos à procura, relação e acasalamento. Desde menina, ouve-se falar do matrimônio, do vestido de noiva, branco, bonito, com caldas longas, rendas, uma maravilhosa grinalda e, para a lua-de-mel, um enxoval novo. Estas mensagens ficam imprimidas nas histórias de contos de fadas, reforçadas pelas telenovelas.

Em relação aos meninos, é-lhes estimulado a declararem-se como "homens" desde cedo, cujos órgãos genitais passam ser as verdadeiras provas, como também de força e poder. E, para se afirmar como homem, tendo como referencial a relação com o sexo oposto, é incitado a buscar a mulher como fonte de prazer e de satisfação erótica, mesmo que, como muitas vezes, não tenha

ainda despertado para o fato, encontrando-se em mera curiosidade. É-lhe, então, introduzido um ideal de mulher: linda, sensual, corpo esguio, macio, com curvas exatas, cabelos sedosos e brilhantes, roupas exóticas, traços de face perfeitos, que servirá de modelo para a sua escolha e cuja exigência provoca ansiedade e capricho das mulheres em se ajustar por estes parâmetros.

Ao consumir um produto, o indivíduo, inconscientemente, espera dele a amenização de todos os seus anseios, a consecução de todas promessas estabelecidas na propaganda. Paralelamente, processa-se uma exarcebada busca de prazer em objetos que correspondem apenas à satisfação ao nível erótico, não se dirigindo à genitalidade e a uma plenitude concreta. Esta hegemonia do erotismo, além de recriar novas necessidades de consumo, impede a saciação das necessidades finalistas - as genitais - pois a estas são apresentados objetos deslocados e parcializados, como seus substitutos.

Rosemarie Muraro (1983), adverte que à mulher - encontrando-se fora do sistema econômico, no qual a carreira e a maternidade são incompatíveis - cabem decisões individuais, que concerneriam a problemáticas coletivas. Ela tenta analisar a articulação do sexo em seus eixos: o individual e o coletivo, relacionando a sexualidade e o sistema econômico. Para tal, tenta partir do corpo das mulheres, já que é na sua materialidade que os poderes, os saberes, os prazeres e os desprazeres se convergem; pois o corpo é a matriz da sexualidade, do trabalho, da arte e outras entidades. É a base da percepção e da estrutura-

ção da vida das pessoas, em seu nível biológico e também no social. Logo, falar, comer, vestir-se, são formas socialmente estabelecidas de perceber, de refletir e de conceber o mundo. Norma e ideologia se mesclam e se concretizam na materialidade do corpo, cuja cerne reflete o conjunto de idéias e valores sociais. Uma sociedade hierarquizada, em que a mulher se encontra no nível inferior ao homem, dita-lhe severas prescrições, pressionando-o sutilmente ou de forma declarada, a segui-las. A mulher, então, vê-se constantemente diante de espelhos representados pelas mais diversas instituições, que cobram-lhe uma aparência bela, saudável, estética, esbelta, moderna, perfumada, bronzeada, suave. E para cada uma dessas realizações, emerge variados produtos sugeridos pelo mercado. O corpo da mulher passa a ser um grande e importante consumidor, um objeto a ser revestido, um artigo a ser consumido, uma matéria a ser valorizada e admirada, desde que se enquadre e obedeça aos preceitos que lhe são destinados.

Na revista "Seleções de Reader's Digest" (dez. 1983), aparece uma citação de Joey Adams:

*"A Moda atual faz todo mundo se interessar pela forma física: exercícios, esticar os braços, flexões, correrias ... e tudo isso para a gente entrar em uma calça jeans".*

Ele adverte a existência das várias práticas quotidianas, verdadeiras indústrias, que se dirigem ao corpo, com o objetivo intrínseco de amoldá-lo, torná-lo atraente e em suporte de outros objetos. Pode-se observar a reverência dirigida ao corpo magro e torneado, que contrasta com a rejeição e censura ao volumoso,

desproporcional, desarmônico e adiposo.

Estes fenômenos culturais, com os quais o indivíduo, sobretudo a mulher, se defronta diariamente, desde a infância, pas sam a constituir-se em fenômenos psicológicos, em exigências in ternas que conduz a si próprio, compulsivamente, e compondo par te da estrutura e dinâmica do psiquismo de cada um. Estes cri- térios e convenções sociais são internalizadas pelo indivíduo, que irá encará-los, ilusoriamente, como naturais, factíveis e auto-estabelecidos, eliciando suas condutas em função deste fa- to. Estas insistências podem evoluir e fortalecer-se a ponto de fundarem sintomas neuróticos, veras obsessões em relação ao corpo, que é idealizado; acarretando em sofrimentos e angústias no caso do não-cumprimento das metas almejadas. A pessoa que co me em excesso, por mecanismo de fuga, padecendo com a conseqüen te obesidade, está sujeita à pressão exercida pelo padrão corpo ral de esbeltez. No entanto, se este padrão social não fosse a norma vigente, provavelmente, não sofreria com a gordura.

Ao abordar as diferenças sexuais manifestadas nas dis tinções entre os trajes - a cujas enumerações não serão atidas - parece oportuno examinar o caso do homossexualismo, sem qual- quer intenção de estereotipagem.

Pode-se observar que os homossexuais masculinos assu- mem certos gestos e detalhes sobre o corpo, caracteristicamente femininos. Alguns, como os travestis, incorporam totalmente a a parência feminina, até mesmo na compleição anatômica. Esta in tenção de igualar-se fisicamente à mulher, poderá refletir o drama sentido pela intolerância e dificuldade em lidar com a

diferença. Se o seu objeto amoroso coincide com o da mulher, de verá parecer-se ou conter alguns aspectos característicos desta, para atrair outro homem, o qual, supõe que se seduza por determinados detalhes femininos, como a roupa, o geito frágil, a voz fina, as nádegas ressaltadas e demais traços. Além do fato de intentar igualar-se fisicamente ao sexo com o qual se identifica quanto aos desejos sexuais.

No caso do homossexualismo feminino, este tranvestir é menos freqüente, mais sutil e atenuado; contudo, há a adoção de certos usos que prestam-se para comunicar as condições homossexuais e as intenções sexuais. Há muito tempo atrás, as mulheres homossexuais vestiam terno e gravata, com sapatos mocassins. Muito depois, o relógio no pulso direito, uma corrente no tornozelo e outras convenções. Em alguns bares atuais do Rio de Janeiro, elas se identificam com um objeto, simulando um pênis, pendurado na cintura.

#### 1.4 - Faixas Etárias:

Os corpos dos indivíduos são também vestidos de acordo com as faixas etárias ou fases evolutivas. As roupas e outros hábitos de adorno são adequados para cada uma delas.

Philippe Ariès (1981) relata e analisa o traje das crianças no decorrer dos séculos, enfatizando que os costumes de vestir não constituem frivolidades, pois existe uma ligação entre o traje e aquilo que ele representa. Ele apresenta a diferenciação que sempre houve entre as faixas etárias, que se

refletiam nas roupas, inclusive as passagens de posições sociais, marcadas por roupas não usuais.

Atualmente, as fronteiras entre as roupas destinadas a cada idade estão sendo cada vez menos conservadas. As crianças usam modelos de adultos em miniatura, com poucas variações. Contudo, há peças como as fraldas, a camisa-pagão, os sapatinhos de tricô, as calças plásticas e certos detalhes infantis como os desenhos de bichinhos e lacinhos de fita, que destinam-se e preservam-se com uma maior exclusividade para a infância.

Correlata a esta equiparação de imagens corporais, pode-se observar uma transformação dentro do processo educativo da criança, a qual, na atualidade, ocupa uma posição no sistema social contrastante à de algumas décadas atrás. A criança, hoje, tem um maior acesso às informações de diversos campos - inclusive, o sexual - através de vários canais transmissores de mensagens; é-lhe conferido um crescente poder de expressão e de auto-determinação, que a deslocam de uma pura passividade, cerceamento, submissão e infantilidade para a ação, abertura, decisão e "precocidade".

O biquini, o jeans, a moda hippie, os cabelos compridos para homens, as calças de couro, o short e outras peças da atualidade foram lançamentos destinados e iniciados pelos jovens, consistiram em renovações às quais muita resistência surgiu por parte das outras gerações. Esta oposição pode ser vista em um ângulo maior, o da resistência à mudança, que será maior quanto mais radical for a proposta de modificação nas convenções, instituições e crenças. As reações, muito variadas, a



tingiram a estigmatização do jovem, considerado "delinquente". No entanto, passados estes momentos de resistência e calcados estes novos hábitos, os próprios opositores, ao descobrirem o poder rejuvenecedor dos novos produtos, passaram a consumí-los, na esperança de sentir-se ou parecer mais jovens, crendo na magia dos objetos. Os homens idosos deixaram os cabelos crescer um pouco mais, as senhoras usaram biquini, shorts etc. E é comum ouvir-se que a roupa "X" ou o penteado "Y" rejuvenecem, frases estas que acabam por ter participação forte e determinante nas decisões e opções individuais.

Assim como não é mais ditado uma Moda para a infância, não o é também para a meia-idade e a velhice. A Moda, destinando a uma determinada e limitada faixa de idades, não se prolonga nem se modula no tempo, sem avançar para as seguintes. Este fato poderá refletir, pelo lado coletivo, uma imposição da juventude ao idoso, sem reservar-lhe um espaço próprio dentro do sistema social; e pelo lado individual, uma busca exacerbada da eterna mocidade, verificada através do pânico diante das rugas faciais, a flacidez muscular e outras evidências do envelhecimento.

Não existindo uma adequação de modelos para estas idades, processa-se, conseqüentemente, através da conformação corporal, uma maior expressão da afetividade; sem um referencial externo específico, cada um decide, pessoalmente, o que e como apresentar-se, adaptando as formas consensuais às características de sua própria fenomenologia da idade.

Ferreira (1981) investigou sobre a imagem da mulher

de meia-idade nos meios de comunicação social, tendo verificado baixa incidência de figuras de mulheres maduras nas revistas femininas que são constituídas, em suas totalidades, por figuras de mulheres jovens. Esta e outras constatações experimentais levaram-na a concluir que a figura da mulher de meia-idade é inexistente como meio de apelo social; e, como pessoa, a nível social, já que vive em sistema que cabe apenas à mulher jovem, encantadora e subjugada à organização social caracteristicamente masculina. Esta valorização da mulher jovem, bonita e elegante, incita as menos jovens a copiarem os seus modelos buscando até cirurgias plásticas, ao inconformarem-se com as suas compleições originais, naturalmente resultantes da maturação.

### 1.5 - CARACTERÍSTICAS INDIVIDUAIS:

Um fator importante na determinação da conformação dos trajes se refere às características de personalidade e estados afetivos. A pessoa quando está alegre, apraz-lhe enfeitar-se; quando está deprimida, poderá demonstrar através de um decréscimo na arrumação do corpo, das cores sombrias ou outros indicadores de sua afetividade. Outros sentimentos podem expressar-se através da imagem corporal, dado que esta seja a tela onde não só a sociedade, mas também o indivíduo, psicologicamente, projeta as suas idéias, aspirações e afetos mais profundos.

Para Rollo May (1976), o sentido do vestir é patente, os indivíduos, especialmente as mulheres, adquiriram, ao longo da História, a capacidade de ler este sentido. Ele não acredi-

ta que a roupa "faça" o homem, mas sim que os seus detalhes permitam aludir acerca das condutas pessoais.

O desleixo no trajar, o cabelo despenteado, os sapatos sujos, o corpo fedido e demais evidências de indiferença transmitem mensagens indubitáveis. Por outro lado, diz May, a pessoa bastante cuidadosa com a aparência pode ser igualmente apreensiva com os aspectos de partes de sua vida. Muitos dos neuróticos obsessivos apresentam um enorme ímpeto em conservar o seu traje constante e absolutamente asseado, ordenado e incensurável. Ele diz que a moça que pinta as unhas com cores berrantes ou se maquila em excesso, intenciona chamar atenção dos que a rodeiam, ou, então, não obtém real atenção social suficientemente, ou, ainda, incitada a exigir demais, por ter sido mimada. Nestes casos, a pintura pode ser considerada como sintoma de desajuste de personalidade.

May observou que os clientes que apresentam-se muito ansiosos pela entrevista, comumente preocupam-se com a roupa. Quando chegam muito ornados para a sessão terapêutica, pode-se concluir sobre a ansiedade da expectativa, além de outras intenções, até inconscientes, o que deve ser-lhe devolvido o respectivo significado. Por outro lado, o desmanzelo na roupa pode representar um certo desinteresse pelos presentes.

A auto-estima, que costuma ascender através do processo terapêutico, pode ser observada pelos cuidados que o cliente passa a dispensar ao próprio corpo, ao perceber que o seu corpo é algo que ele é, não algo que lhe pertence, que pode deixar de possuir.

Freud (1974), justifica o uso individual do vestuário através de um referencial terapêutico, já que é importante observar tudo aquilo que o indivíduo realiza com as suas roupas, seja uma alteração qualquer no vestuário costumeiro, um desleixo pequeno, os sinais de exposição das partes corporais que podem exprimir aquilo que não consegue dizer, por não querer ou por não estar consciente disso.

A Revista "VEJA" (abril, 1982), publicou os resultados de uma pesquisa realizada por uma indústria de roupas, que tentou estabelecer relações entre a roupa e opiniões pessoais com o objetivo de direcionar a própria produção. Quinhentas pessoas, mulheres e homens, de diferentes idades, as quais selecionam as próprias roupas, foram entrevistadas, quanto às suas condutas diante do vestuário: as despesas, os critérios de escolha e outros aspectos. Cinco categorias de consumidores típicos foram reconhecidos: os consumistas, grupo formado principalmente por mulheres na faixa dos vinte anos, subordinam-se às alternâncias de Moda, supervalorizando as etiquetas, admiram a vida social agitada e emitem opiniões conservadoras sobre sexo, casamento, religião e família; os exibicionistas, grupo integrado por indivíduos de profissões burocráticas e de instrução média, visam exhibir-se e destacar-se em seu ambiente, gastam muito em roupas e exageram na submissão à Moda, e, igualmente, conservadores em suas atitudes e idéias; os racionais representados pelos universitários que trabalham durante o dia e estudam à noite, neutros em relação à Moda, não vestem roupas nem antiquadas nem da vanguarda, não possuem opiniões radicais ou bem definidas, preocupam-se com o futuro, economizando bastante;

os moderados, abrangendo casais de classe média, de quarenta anos, com filhos, prendem-se ao preço e à qualidade das roupas, possuindo opiniões moderadas e convenientes sobre os aspectos vitais; e os utilitaristas, correspondendo a muitos homens com cargos de chefia, são os menos inquietados com a Moda, vêem na roupa o seu caráter prático, de conforto e durabilidade, possuem bom nível cultural, são renovadores e avançados em suas opiniões sobre o casamento, a igreja o trabalho da mulher, almejam uma vida sossegada junto à natureza.

A partir destas constatações e categorizações pode-se inferir que a relação do indivíduo com a Moda pode ser efetuada através de dois níveis: o da fantasia, do imaginário, ou, então, o do real, do concreto; cuja síntese tende a se estabelecer no plano simbólico.

O lado fantasioso se constituiria pela busca do indivíduo em retratar o seu eu idealizado através de uma imagem corporal determinada, que ele julga provocar a mudança de sua identidade pessoal. É provido, ainda, de necessidades exibicionistas e de conteúdos mais imaturos, pouco elaborados; e o indivíduo, assim, procura na roupa - e adjacências - o proporcionamento da satisfação de motivos psicológicos.

O contato com a Moda através do seu caráter de realidade, pragmático, utilitário, é caracterizado pela busca mais amadurecida do cumprimento das necessidades básicas, como o conforto, adequação às circunstâncias, ao clima e as demais exigências de cada situação.

Esses dois lados, como já foi dito, podem reunir-se pa

ra compor o campo fenomenológica da Moda, no qual, mesmo contendo ambos, poderá predominar um ou outro, alternando, por exemplo, na mesma pessoa, de acordo com as suas motivações extrínsecas e intrínsecas. Para ilustrar, recorda-se de um filme americano que narrava a vida de uma mulher que, durante o dia, trabalhando como professora, assumia uma posição intelectualista, extremamente reservada, puritana e moralista, refletida em sua imagem corporal: roupas sérias, rosto levado, cabelo preso. À noite "transformava-se" em uma prostituta, freqüentando caberês com trajes provocantes, ousados, muita maquilagem, cabelos soltos.

Estes nuances, no entanto, se manifestam sob formas nem sempre tão acentuadas e dicotômicas freqüentemente basta verificar os trajes quotidianos para constatar-se e correlação entre sociedade, aspectos individuais e imagem corporal.

## C O N C L U S Ã O

No final, o retorno ao início é imperioso, uma releitura da proposta introdutória permitirá avaliar em que medida foram cumpridas as premissas e propostas primitivas.

Para compreender o caráter comunicador, dialógico e linguístico da imagem corporal - através da Moda cultural - abordou-se a sociedade como um sistema de comunicação, no qual todos os elementos componentes recebem um significado. Esta atribuição de sentido provém da atividade intelectual do espírito, que tende a sistematizar, a ordenar, a classificar, a valorizar toda matéria que conhece. Consiste, ainda, em transformar o natural, tornando-o cultural. Os fatos e objetivos constituem-se, assim, em partes de uma estrutura; em signos que adquirem significação a partir dos contrastes mantidos entre os demais. O que é, inicialmente, orgânico, com uma função biológica; passa a ser culturalizado, expressivo e portador de uma estrutura.

O corpo, evidentemente, constitui-se em uma das realidades concretas - talvez a mais importante - da qual a sociedade se apodera para imprimir suas marcas, tornando-o um veículo de expressão, capaz de informar sobre o papel, status e posição social, ocupação, atividade e circunstâncias vividas pelo indivíduo, o sexo, a faixa etária, características internas e demais indicadores do estado emocional e social das pessoas.

O corpo conota conteúdos firmados socialmente, como também - de acordo com o último capítulo - pode comunicar mensag

gens a nível individual, evidências da afetividade, motivações, características de personalidade e outros conteúdos internos. Desta forma, pode-se conhecer a imagem corporal como a síntese de expressões culturais e psicológicas. O fator psicológico, no entanto, como foi visto, poderá se fundar na internalização dos valores e regras culturais que, uma vez introjetadas, passam a constituir-se em uma realidade interna do indivíduo.

Foi, também, discutido que as finalidades básicas pelas quais a cultura veste ou altera o corpo - que se referem ao pudor, exibicionismo e proteção - servem de plataforma sobre a qual a lei se instaura. As partes corporais e a forma pela qual os elementos pudorizam-se, exibem-se ou protegem-se, são estabelecidos pela sociedade em particular. A expressão individual, portanto, firmaria-se na escolha - limitada no número de opções - dentre as possibilidades oferecidas pela realidade. Mesmo a criatividade, operacionalizada por processos intelectuais, dirige-se à neo-disposição de peças antigas, já conhecidas.

Enfatizando o caráter comunicativo da imagem corporal ditada pela cultura, foi considerada como um sistema de trocas de signos não-verbais, que comportam mensagens tão importantes como as da linguagem verbal, com a vantagem de não restringir-se a uma linearidade - como a segunda - podendo exprimir vários conteúdos simultaneamente.

Os signos corporais transmitem um sentido em combinação, e não apenas como um conjunto de signos binários dentro de uma cadeia linear ou como uma série de símbolos metafóricos, dentro de uma associação paradigmática. Logo, é necessário conhe-



cer bem o contexto cultural para se decodificar a mensagem.

Para sistematizar o estudo dos signos não-verbais constituintes da imagem corporal, tentou-se identificar as dualidades linguísticas postuladas por F. de Saussure. Esta transposição de modelo linguístico para uma realidade extra-linguística objetiva respaldar o estudo da imagem do corpo como tal. No entanto, pode ter-se notado alguma artificialidade na identificação dos conceitos, omissões ou ausência de um exaurimento nas correspondências entre ambos os sistemas. O mais axial foi demonstrar a analogia que aí cabe, a condução sobre leis semelhantes.

Para finalizar, recorrer-se-á, rapidamente, às perspectivas epistemológicas de três sistemas teóricos, quanto às suas concepções acerca das regras que regem as condutas sociais.

A primeira, que postula uma estrutura permanente, interna, inconsciente, geradora dos fenômenos culturais, é defendida pela vertente do Estruturalismo, racionalista, também, aqui assumida. Para esta, é admissível a existência de uma estrutura subjacente à imagem corporal, no caso, análoga ao sistema linguístico.

A segunda se reporta às regras históricas, alternantes ao longo da História, não havendo uma permanência de leis anteriores e geradoras das regras, as quais alteram-se lentante no tempo e no espaço. Contudo, as regras anteriores podem conservar-se, sem, necessariamente, desaparecer. Aqui não caberia transpor os princípios linguísticos para a imagem corporal; porém, as categorias invariantes psicossociais propostas ganha-

riam terreno, desde que se referissem a uma determinada cultura em uma época, ou seja, o estudo de uma configuração singular e não a tentativa de atingir a sua gramática lógico-generativa.

A terceira, concernente ao Positivismo, e representada pelo Estruturalismo sem estruturas de M. Foucault, corroboraria qualquer tentativa de estruturalidade de imagem corporal, alegando que todas as suas manifestações constituiriam-se em meras derivações de uma única dimensão, à qual se reduziriam: o poder.

A sugestão final concerne-se à tentativa de aprofundar e expandir este tema, investigando mais alguns dos conceitos e hipóteses aqui formulados. E, ainda, à adoção deste sistema de pesquisa, que consiste na transposição do modelo linguístico para outros fatos sociais, como possibilidade de método de estudo dos diversos objetos das ciências humanas.

Dentro de uma convergência da ótica antropológica estruturalista e da perspectiva psicológica - abordada na vertente fenomenológica - este estudo representou a tentativa de relacionar dimensões sincrônicas de sentido e formas atemporais da relação corpo-sociedade com seus conteúdos concretizados diacronicamente na dinâmica da comunicação interpessoal.

# B I B L I O G R A F I A

- ADAMS, J. Seleções do Reader's Digest. Lisboa, Lisbogrãfica, (151): 48, dez. 1983.
- ALTHUSSER, L. Freud e Lacan. In: Estruturalismo. Lisboa, Portugalãia, 1968, p. 229-256.
- ARGYLE, M. A Interação social. Rio de Janeiro, Zahar, 1976.
- ARIËS, P. História social da criança e da família. Rio de Janeiro, Zahar, 1981.
- AUGRAS, M. O ser da compreensão. Rio de Janeiro, Vozes, 1978.
- AUZIAS, J.M. Chaves do Estruturalismo. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1972.
- AZEVEDO, CAMPOS. Estatística básica. Rio de Janeiro, Ao Livro Técnico, 1970.
- BAPTISTA, L.A.S. Análise da importância nosológica do conceito de simbiose no vínculo indivíduo-instituição. Rio de Janeiro, PUC, 1978.
- BARSA, Enciclopédia. SP, Encyclopedia Britannica. Ed. Ltda., 1967, v. 14, p. 32-53; v. 15, p. 332.
- BARTHES, R. A atividade estruturalista. In: Estruturalismo. Lisboa, Portugalãia, 1968, p. 19-28.
- \_\_\_\_\_. Novos ensaios críticos. São Paulo, Cultrix, 1974.
- \_\_\_\_\_. Sistema da Moda. São Paulo, Nacional-EDUSP, 1979.
- BASTIDE, R. Usos e sentidos do termo estrutura. São Paulo, Herder, 1971.

- BENVENISTE, E. Problemas de Linguística geral. São Paulo, EDUSP-CEN, 1976.
- BERGE, A. La Sexualidad Hoy. Madrid, Guadarrama, 1971.
- BERGER, P.; LUCKMANN, T. A construção social da realidade. Petrópolis, Vozes, 1978.
- BLEGER, J. Simbiose e Ambigüidade. Rio de Janeiro, Francisco Alves, 1977.
- BOCHENSKY, I.M. Los metodos actuales del pensamiento. Madrid, Rialp, 1970.
- BOLTANSKY, L. As classes sociais e o corpo. Rio de Janeiro, Graal, 1979.
- CÂMARA JR., J.M. Dicionário de Linguística e Gramática. Petrópolis, Vozes, 1977.
- CARDOSO, F.H.; IANNI, O. Homem e sociedade. São Paulo, Cia Ed. Nacional, 1975.
- CENTRE FOR CONTEMPORARY CULTURAL STUDIES da Universidade de Birmingham. Da Ideologia. Rio de Janeiro, Zahar, 1980.
- CHOMSKY, N. Linguística Cartesiana. Petrópolis, Vozes, 1972.
- COELHO, E.P. Introdução a um pensamento cruel: estruturas, estruturalidade e estruturalismos. In: Estruturalismo. Lisboa, Portugal, 1968, p. 3-75.
- CORRAZE, J. As comunicações não-verbais. Rio de Janeiro, Zahar, 1982.
- FENICHEL, O. Teoria psicoanalítica de las neurosis. Buenos Aires, Paidós, 1966.

- FERREIRA, A.B.H. Novo Dicionário Aurélio. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1975.
- FERREIRA, M.F.T.P. A imagem da mulher de meia-idade nos meios de comunicação social. Rio de Janeiro, FGV, 1981
- FLÜGEL, J.C. A Psicologia das roupas. São Paulo, mestre Jour, 1966.
- FOUCAULT, M. As Ciências Humanas. In: Estruturalismo. Lisboa, Portugália, 1968, p. 45-100.
- \_\_\_\_\_. Microfísica do Poder. Rio de Janeiro, Graal, 1979.
- FREUD, S. Psicologia de grupo e a análise do ego; dois verbetes de enciclopédia. Rio de Janeiro, Imago, 1976.
- \_\_\_\_\_. Psicopatologia da vida quotidiana. Lisboa. Stúdios Cor, 1974.
- GENNEP, A.V. Os ritos de passagem. Petrópolis, Vozes, 1978.
- GODELIER, M. Notas sobre os conceitos de estrutura e de contradição. In: Estruturalismo. Lisboa, Portugália, 1968, p. 309-320.
- GOFFMAN, E. A representação do eu na vida Quotidiana. Petrópolis, Vozes, 1975.
- GRINBER, L. & GRINBERG, R. Identidad y cambio. Buenos Aires, Paidós, s.d.
- HANUN, R. Bastidores do Vestir. Revista VEJA, São Paulo, (172): 68-69, abr. 1982.
- HEUSCH, L. Situación y posiciones de la Antropologia estructural. In: Lévi-Strauss: Estructuralismo y dialéctica. Buenos Aires, Paidós, 1968, p. 20-38.

- HOCHMANN, J. Hacia una Psiquiatria comunitaria. Buenos Aires, Amorrortu, 1971.
- KOENIG, S. Elementos de Sociologia. Rio de Janeiro, Zahar, 1976.
- LAING, R.D. O eu e os outros. Petrópolis, Vozes, 1976.
- LEACH, E. As idéias de Lévi-Strauss. São Paulo, Cultrix, 1970.
- \_\_\_\_\_. Cultura e comunicação. Rio, Zahar, 1978.
- LEVIS-STRAUSS, J.C. Pensamento Selvagem. São Paulo, Nacional, 1976
- \_\_\_\_\_. Antropologia Estrutural. Rio de Janeiro, Tempo bras., 1976.
- \_\_\_\_\_. Antropologia Estrutural II. Rio, Tempo bras., 1976.
- \_\_\_\_\_. El triângulo culinario. In: Lévi-Strauss: Estructuralismo y dialéctica. Buenos Aires, Paidós, 1968, p. 39-57.
- \_\_\_\_\_. Estruturas elementares do parentesco. Petrópolis, Vozes, 1982.
- \_\_\_\_\_. Introdução à obra de Marcel Mauss. In: Estructuralismo. Lisboa, Portugalíia, 1968. p. 149-190.
- LEPARGNEUR, H. Introdução aos estruturalismos. São Paulo, Herder-EDUSP, 1972.
- LUCKMANN, T. Pressões e liberdades na transformação da estrutura social. In: Nova Antropologia. São Paulo, EPU, 1977. p. 124-146 (Antropologia Social , 3).
- LYOTARD, J.F. A Fenomenologia. São Paulo, Difel, 1967.
- MACHADO, R. Por uma genealogia do poder. In: FOUCAULT, M. Microfísica do poder. Rio de Janeiro, Graal, 1979, p. 9-25.

- MACKSEY, R.; DONATO, E. Los lenguajes criticos y las ciencias del hombre: controversia estruturalista. Barcelona, Barral, 1972.
- MAISONNEUVE, J. Introdução à Psicossociologia. São Paulo, EDUSP, 1977.
- \_\_\_\_\_. A Psicologia Social. São Paulo, Difel, 1967.
- MAJOR, R. Psicanálise e poder - entrevista. Gradiva. Rio de Janeiro (2): p. 8, dez. 1979.
- MALMBERG, B. As novas tendências da Linguística. São Paulo, CEN-EDUSP, 1974.
- MANO, L.C. O modelo linguístico na teoria psicanalítica de Jacques Lacan. Rio de Janeiro, PUC, 1975.
- MATTA, R. Ensaaios de Antropologia Estrutural. Petrópolis, Vozes, 1977.
- \_\_\_\_\_. Relativizando: uma introdução à Antropologia social. Petrópolis, Vozes, 1983.
- MAUSS, M. Sociologia e Antropologia. São Paulo, EPU, 1974, 2V.
- MAY, R. A arte do aconselhamento psicológico. Petrópolis, Vozes, 1976.
- MERLEAU-PONTY, M. Fenomenologia da percepção. Rio de Janeiro, Freitas Bastos, 1971.
- MILNER, J.C. O que é a Psicologia? In: Estruturalismo. Lisboa, Portugalia, 1968. p. 225-228.
- MURARO, R.M. Sexualidade da mulher brasileira: corpo e classe social no Brasil. Petrópolis, Vozes, 1983.

- NEVES, L.F.B. O combate dos soldados de Cristo na terra dos pagaios. Rio de Janeiro, Forense, 1978.
- NICK, E.; KELLNER, S. Fundamentos de Estatística para as Ciências do Comportamento. Rio de Janeiro, Renes, 1971.
- PENNA, A.G. Comunicação e linguagem. Rio de Janeiro, Fundo de Cultura, 1970.
- \_\_\_\_\_. Percepção e Realidade. Rio de Janeiro, Fundo de Cultura, 1973.
- PIAGET, J. O Estruturalismo. São Paulo, Difel, 1974.
- \_\_\_\_\_. Psicologia e Epistemologia. Rio de Janeiro, Forense, 1978.
- PICHÓN, RIVIÈRE, E. & QUIROGA, A.P. Psicologia de la vida cotidiana. Buenos Aires, Galerna, 1970
- PINGAUD, B. Como se llega a ser estructuralista. In: Lévi-Strauss: Estructuralismo y dialéctica. Buenos Aires, Paidós, 1968, p. 13-19.
- POUILLON, J. Uma tentativa de definição. In: Estruturalismo. Lisboa. Portugal, 1968. p. 3-18.
- RODRIGUES, J.C. Tabu do corpo. Rio de Janeiro, Achiamê, 1980.
- ROUANET, S.P. O Édipo e o anjo. Rio de Janeiro, Tempo Brasileiro, 1981.
- SAUSSURE, F. Curso de Linguística Geral. São Paulo, Cultrix, 1977.
- SCHILDER, P. Imagen y apariencia del cuerpo humano. Buenos Aires, Paidós, 1958.

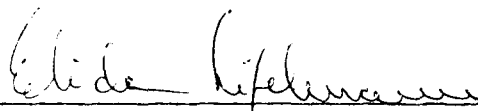


- SEMINÉRIO, F. Diagnóstico Psicológico. São Paulo, Atlas, 1977.
- SPIEGEL, M. Estatística. São Paulo, Mc Graw Hill do Brasil, 1976.
- STOETZEL, J. Psicologia Social. São Paulo, Nacional, 1967.
- TURNER, V. O processo ritual. Petrópolis, Vozes, 1974.
- VERON, E. Ideologia, estrutura e comunicação. São Paulo, Cultrix, 1970.
- \_\_\_\_\_. et alii. Lenguaje y comunicacion social. Buenos Aires, Nueva Vision, 1969.
- WAPNER, S. et alii. El percepto del cuerpo. Buenos Aires, Paidós, 1969.
- WAHL, F. et alii. Qu'est-ce que le Structuralisme? Paris, Seuil, 1969.

A Monografia "UMA INTERPRETAÇÃO PSICOGENÉTICA DA MODA"  
foi considerada aprovada -

Rio de Janeiro,

  
FRANCO LO PRESTI SEMINÉRIO  
Professor Orientador

  
ELIDA SIGELMANN  
Membro da Banca Examinadora

  
ELIEZER SCHNEIDER  
Membro da Banca Examinadora